



**UNIVERSIDADE DO OESTE DO PARÁ - UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - ICED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

CLEUDETE ALTÊNIS ANDRADE DE ABREU

**“EU SOU A BUCALA”: A AFROTECA SANKOFA COMO INSTRUMENTO DE
COMBATE AO RACISMO, AO PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL E NO CEMEI ANTÔNIA CORRÊA E SOUSA -
SANTARÉM-PA**

**SANTARÉM/PA
2024**

CLEUDETE ALTÊNIS ANDRADE DE ABREU

**“EU SOU A BUCALA”: A AFROTECA SANKOFA COMO INSTRUMENTO DE
COMBATE AO RACISMO, AO PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL E NO CEMEI ANTÔNIA CORRÊA E SOUSA -
SANTARÉM-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia, para obtenção do Grau de Licenciatura
em Pedagogia. Universidade Federal do Oeste do
Pará - UFOPA, Instituto de Ciências da Educação.
Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando de França

**SANTARÉM/PA
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa

A162e Abreu, Cleudete Altênis Andrade de
 "Eu sou a bucala": a afroteca Sanfoka como instrumento de combate ao racismo, ao preconceito e a discriminação na educação infantil e no Cemei Antônia Corrêa e Sousa – Santarém - PA./ Cleudete Altênis Andrade de Abreu . – Santarém, 2025.
 109 p.: il.
 Inclui bibliografias.

Monografia defendida em 2024 e depositada em 2025.

Orientador: Luiz Fernando de França.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em Pedagogia.

1. Educação antirracista infantil. 2. Crianças. 3. Afroteca Sanfoka. I. França, Luiz Fernando de, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 371.72



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TCC DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Ao(s) vinte e cinco dias do mês de outubro de dois mil e vinte e quatro, 15h, na sala 102 do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA, município de Santarém, para a sessão pública de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, intitulado "EU SOU A BUCALA": A AFROTECA SANKOFA como instrumento de combate ao racismo, ao preconceito e a discriminação na Educação Infantil e no CEMEI Antônia Corrêa e Sousa - Santarém-PA Santarém/PA, desenvolvido pela acadêmica Cleudete Altênis Andrade de Abreu, sob a orientação do docente Prof. Dr. Luiz Fernando de França, desta Instituição. A banca examinadora foi composta pelo docente orientador, pelo Prof. Dr. Everaldo Almeida do Carmo, do Curso de Pedagogia da UFOPA e Profa, Lucidalva da Silva Ferreira, docente da Secretaria Municipal de Educação de Santarém - CEMEI Maria Raimunda Pereira de Sousa. Após a defesa e análise do TCC, considerando a qualidade deste trabalho enquanto produto de iniciação científica, a banca deferiu a aprovação do TCC, resultando o conceito 10,0. Fica acordado que o conceito está condicionado à entrega final do trabalho, no prazo máximo de sete (07) dias úteis a partir desta data e o mesmo deverá contemplar as observações da banca examinadora. Proclamados os resultados pelo Presidente da banca, foram encerrados os trabalhos e para constar, eu, Luiz Fernando de França, lavrei a presente ata que deverá ser assinada pelo(s) autor(es) e membros da banca examinadora.

Cleudete Altênis Andrade de Abreu
Cleudete Altênis Andrade de Abreu
Autora

Luiz Fernando de França
Prof. Dr. Luiz Fernando de França
Orientador - Universidade Federal do Oeste do Pará

Everaldo Almeida do Carmo
Prof. Dr. Everaldo Almeida do Carmo

Examinador interno - Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA

Lucidalva da Silva Ferreira
Profa. Lucidalva da Silva Ferreira

Examinadora Externa - CEMEI Maria Raimunda Pereira e Sousa

Dedico este trabalho à memória de meus irmãos amados Carlos e Clenildo. Aos meus filhos: Emily, Camila, Maria Eduarda, Ana Luísa e Arnaldo Júnior , mãe: Maria Andrade, esposo: Arnaldo Félix. Meus irmãos: Cláudio, Cleise, César, Clóvis, Clodoaldo, Clemilson, meus netos: Ronaldo, Thiago e Livia por todo apoio, carinho, compreensão, incentivo e afeto.

AGRADECIMENTOS

Quero primeiro agradecer a Deus e Nossa Senhora Aparecida a quem sou devota e recorro em todos os momentos de minha vida e por ter me sustentado em toda esta caminhada.

A realização deste trabalho contou com a participação e colaboração de muitas pessoas, começo os meus agradecimentos a minha mãe, Maria Andrade que foi mãe/pai e arrimo da família ao mesmo tempo que cuidou de mim deste seu ventre até hoje, com seus conselhos, incentivo, e seu exemplo de mulher guerreira, batalhadora, lutadora.

Aos meus filhos: Emily, Camila, Maria Eduarda, Ana Luísa e Arnaldo Júnior, que são as pessoas que mais amo neste mundo e que me fizeram acordar todos os dias às três horas da madrugada para estudar, lutar por uma vida e mundo melhor para eles, que foram nesses anos o impulso e vigor para continuar e vencer cada dia de cansaço, agonia, pressão e vontade desistir.

Em especial, a minha filha Camila, que muito me ajudou nas digitações, slides e formatações de trabalhos acadêmicos e a quem passava áudios chorando querendo desistir e que me acalmava com sua voz calma e tranquila e sempre muito amorosa.

E não poderia deixar de agradecer também, às minhas filhas Maria Eduarda e Ana Luísa por serem em muitos momentos desta trajetória meus braços direito em nossa casa, conduzindo as tarefas de forma muito colaborativa, sem suas ajudas, não teria conseguido chegar a este momento, obrigada sempre pelo apoio e contribuição.

Meus netos Ronaldo, Thiago e Lívia que fizeram parte desta caminhada e que me incentivaram para me formar e ser a Pedagoga da escola deles.

Ao meu companheiro de vida, Arnaldo Félix, por sua colaboração nesta caminhada, não foi fácil, foram muitas conversas para ele entender minha ausência em casa, muitas vezes, o dia todo.

Meus irmãos: Cláudio, Cleise, César, Clóvis, Clodoaldo e Clemilson, que quando souberam que tinha passado no ENEM me incentivaram bastante no meu novo ciclo.

E um agradecimento mais que especial, ao meu irmão Clemilson, que além de irmão, foi amigo, confidente, conselheiro e incentivador, tenho certeza que além de

mim, quem mais ficou feliz com minha entrada na Universidade, foi você, meu irmão, não permitiu e nem deixou que eu desistisse, mesmo quando afirmava que desistiria, você faz parte desta caminhada e da construção deste trabalho, gratidão eterna por todo seu carinho e afeto.

À Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pela Bolsa da Residência Pedagógica, que muito me ajudaram na realização de trabalhos, pesquisas e na minha manutenção na Universidade.

Um agradecimento muito especial aos meus professores de Graduação do Instituto de Ciências da Educação - ICED, que me proporcionaram um aprendizado humano e acadêmico e uma consciência crítica da minha realidade e de minha imprescindível responsabilidade como Professora.

Aos meus colegas da Turma Graduação em Pedagogia 2019, em especial a Ronilsa Braga que foi um precioso e forte encontro e consequentemente amizade de muito afeto, conversas e muitos trabalhos, apresentações, seminários e estágios desenvolvidos juntas, que muito contribuiu para a minha caminhada até este momento de finalização de curso.

Ao Coordenador do Grupo AFROLIQ e Projeto Kiriku Prof. Dr. Luiz Fernando de França, pelo convite para participar neste grupo, que mudou radicalmente minha pesquisa do meu TCC e minha vida humana e acadêmica e por proporcionar ser Bolsista do Projeto Kiriku na Afroteca Willivane Melo, onde pude aprender sobre Educação Antirracista, Legislações, teóricos e estudiosos que pesquisam sobre essa temática, sobre acolhimentos, literaturas, instrumentos musicais e jogos pedagógicos.

Meu orientador, Prof. Dr. Luiz Fernando de França, por toda gentileza, paciência, incentivo, cobranças, afeto, carinho, preocupação, disponibilidade e humildade para compreender nossas defasagens na escrita, nosso tempo, nossas outras demandas de mãe, avó, filha, esposa e estudante, nossos problemas financeiros e familiares e principalmente, nossas TPMs.

Aos meus companheiros de AFROLIQ, por me acolherem com muito carinho, afeto e incentivo, e pelas reuniões cheias de muito aprendizado e discussões que contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Minhas amigas e “cascas de bala” Beatriz Nascimento, Leila Jane, Luane Froes, Lucidalva da Silva, Rosângela Batista e o Bendito entre as mulheres, meu amigo

Ranney que me envolveram na teia de muito carinho, amizade, apoio, afeto, incentivo e me ajudaram nesta trajetória no AFROLIQ e foram meus companheiros de luta, incentivo e colaboração na construção deste trabalho.

Ao Ronaldo Carneiro, do BIRÔ ARTS, pela grande contribuição nas minhas impressões, xerox e encadernações, por vezes, concedendo-me o famoso “fiado”, mais que fique registrado que paguei a todos.

E, finalmente, minha profunda e sincera gratidão e respeito aos professores, as crianças, Gestora, Pedagoga, Merendeiras, Serviço de Limpeza, demais funcionários e familiares do CEMEI Antônia Corrêa e Sousa por terem permitido dividir suas vidas, atividades e vivências para produzir este trabalho.

“A gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora. Aí entra a questão da identidade que você vai construindo. Essa identidade negra não é uma coisa pronta, acabada. Então, para mim, uma pessoa negra que tem consciência de sua negritude, está na luta contra o racismo. As outras são mulatas, marrons, pardos etc.”

Lélia González

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo analisar a importância da Educação Infantil Antirracista com crianças a partir da observação e do trabalho desenvolvido na Afroteca Sankofa, do CEMEI Antônia Corrêa e Sousa. No primeiro capítulo, irei discorrer sobre a infância, educação infantil e relações raciais na perspectiva de críticos que pesquisam essas temáticas e das principais legislações que abordam estes assuntos tão importantes e atuais. No segundo capítulo, farei uma contextualização do Projeto Kiriku, do CEMEI, do Bairro e da Afroteca Sankofa, o principal resultado do projeto na unidade. No terceiro capítulo, apresento minha experiência de observação participante na Afroteca e destaco a importância da Afroteca no CEMEI, das parcerias, da escuta das famílias, das práticas dos professores, dos diálogos com a Gestão e Pedagoga, das formações continuadas, dos projetos desenvolvidos para a comunidade escolar do bairro e famílias, dos acolhimentos das crianças, e principalmente da escuta das crianças. Também destaco as dificuldades da abordagem da temática da Educação Antirracista e das relações étnico-raciais com as professoras e funcionários do CEMEI. A Afroteca Sankofa é uma Tecnologia Educacional Antirracista e quando utilizada é um instrumento curricular e pedagógico potente e eficaz na desconstrução de todas as formas de racismo, preconceitos, discriminações que possa ocorrer entre as crianças.

Palavras-chave: Educação Antirracista Infantil. Crianças. Afroteca Sankofa.

ABSTRACT

This Capstone Project (TCC in Portuguese) aims to analyze the importance of Anti-racism Early Childhood Education with children, based on the observation and work developed at the Sankofa Afroteca, at CEMEI Antônia Corrêa e Sousa. In the first chapter, I will discuss childhood, early childhood education, and racial relations from the perspective of critics who research these topics, as well as the main legislations that address these very important and current issues. In the second chapter, I will provide a contextualization of the Kiriku Project, the CEMEI, the neighborhood, and the Sankofa Afroteca, the main result of the project in the unit. In the third chapter, I present my experience of participant observation in the Afroteca and highlight the importance of the Afroteca at CEMEI, the partnerships, the engagement with families, the practices of the teachers, the dialogues with the management and pedagogical staff, the ongoing training, the projects developed for the school's community and families, the welcoming of the children, and especially the listening to the children. I also emphasize the challenges in addressing the theme of Anti-racism education and ethnic-racial relations with the teachers and staff of CEMEI. The Sankofa Afroteca is an Anti-racism educational technology, and when used, it becomes a powerful and effective curricular and pedagogical tool in deconstructing all forms of racism, prejudice, and discrimination that may occur among children.

Keywords: Anti-racism Early Childhood Education. Children. Sankofa Afroteca.

RÉSUMÉ

Ce Projet de fin d'études (TCC en portugais) a pour objectif d'analyser l'importance de l'éducation antiraciste dans la petite enfance, à partir de l'observation et du travail développé dans l'Afroteca Sankofa du CEMEI Antônia Corrêa e Sousa. Dans le premier chapitre, je discuterai de l'enfance, de l'éducation de la petite enfance et des relations raciales sous la perspective de critiques qui étudient ces thématiques, ainsi que des principales législations qui traitent de ces sujets si importants et actuels. Dans le deuxième chapitre, je contextualiserai le Projet Kiriku, le CEMEI, le quartier et l'Afroteca Sankofa, qui représente le principal résultat du projet dans l'unité. Dans le troisième chapitre, je présente mon expérience d'observation participante dans l'Afroteca et je souligne l'importance de l'Afroteca au CEMEI, des partenariats, de l'écoute des familles, des pratiques des enseignants, des dialogues avec la Direction et la Pédagogue, des formations continues, des projets développés pour la communauté scolaire du quartier et des familles, de l'accueil des enfants, et surtout de l'écoute des enfants. Je souligne également les difficultés à aborder la thématique de l'éducation antiraciste et des relations ethno-raciales avec les enseignantes et le personnel du CEMEI. L'Afroteca Sankofa est une technologie éducative antiraciste et, lorsqu'elle est utilisée, elle constitue un outil pédagogique et curriculaire puissant et efficace dans la déconstruction de toutes les formes de racisme, de préjugés et de discriminations pouvant survenir parmi les enfants.

Mots-clés : Éducation antiraciste pour la petite enfance. Enfants. Afroteca Sankofa.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E PRIMEIRA INFÂNCIA.....	16
2.1 Racismo e Antirracismo no Estágio Supervisionado.....	16
2.2 Infância, Educação Infantil E Relações Raciais.....	20
2.3 Antirracismo Na Legislação Educacional.....	21
3. CONHECENDO A TRAJETÓRIA HISTÓRICA: PROJETO KIRIKU; BAIRRO SANTO ANDRÉ, CEMEI ANTÔNIA CORRÊA E SOUSA E AFROTECA SANKOFA.....	34
3.1 O Projeto Kiriku.....	34
3.2 O Bairro Santo André.....	36
3.3 CEMEI Antônia Corrêa e Sousa.....	39
4. A AFROTECA SANKOFA.....	42
5. PESQUISA DE CAMPO - OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NO CEMEI ANTÔNIA CORRÊA E SOUSA - SALA DA AFROTECA SANKOFA.....	46
5.1 Conhecendo a Afroteca Sankofa e Parcerias.....	48
5.2 Escuta da Família.....	52
5.3 Prática dos Professores.....	54
5.4 Diálogos com a Gestão e Formação Continuada.....	58
5.5 Trabalhos Pós-Formação.....	66
5.6 Projeto Afroteca Sankofa: Construindo Saberes e Histórias na Primeira Infância.....	71
5.7 Escuta das Crianças.....	73
6. REFLEXÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	80
APÊNDICES.....	82
ANEXOS	

1- INTRODUÇÃO

Para início de conversa, preciso me apresentar para que conheça um pouquinho de mim: Sou uma mulher preta; Católica; filha de Maria Andrade, uma mulher negra, que muito me espelhei e busquei sempre seguir seus ensinamentos, conselhos e ações; mãe da Emily, Camila, Maria Eduarda, Ana Luísa e Arnaldo Júnior; avó do Henrique, Tiago e Livia; esposa de Arnaldo Felix; dona de casa e hoje estudante de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA.

Venho de uma família humilde, de 10 (dez) irmãos: 02 (duas) mulheres e 08 (oito) homens; 02 (dois) infelizmente falecidos. A segunda da família a concluir uma graduação e sonhando imensamente com Mestrado e Doutorado. Minha família foi comandada pela nossa mãe, pois nosso pai nos abandonou para viver com outras mulheres - fato que muito agravou nossa situação financeira e emocional. Minha mãe foi obrigada a desempenhar o papel de pai e mãe, não foi fácil, mas sua determinação, resistência, força, coragem, zelo, persistência, carinho e amor foram determinantes para nos dá exemplo de que não podemos e nem devemos desistir ou desanimar diante dos desafios e obstáculos no caminho dos nossos sonhos e objetivos.

E hoje, durante a minha caminhada como graduanda, recordo todos esses ensinamentos, conselhos e incentivos de minha mãe, que me fizeram chegar ao final da minha Graduação em Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, onde passei e pretendo ainda passar (no Mestrado) inúmeros momentos de aprendizado, conhecimento e amadurecimento intelectual e humano. Foram dias, meses e anos bem difíceis e desafiadores, que muito me fizeram pensar, refletir e inúmeras vezes cogitar em desistir; mas ao olhar para minha mãe, minhas filhas (os) e meu irmão (Clemilson Alcir) que muito me incentivou e ajudou emocionalmente e financeiramente não posso parar, é preciso continuar, para ser exemplo e orgulho para eles, que nada é fácil, mais com foco e determinação, chegamos onde queremos.

Pois já ouvi esta frase de várias bocas e não sei o autor: "Que o negro jamais pode pensar em desistir de lutar e resistir", e este virou meu mantra, pois além de negra,

sou mulher, mãe, filha, avó, estudante e agora integrante do AFROLIQ (Grupo de Pesquisa em Literatura, História e Cultura Africana, Afro-brasileira, Afro-amazônica e Quilombola da Universidade Federal do Oeste do Pará -UFOPA) e do Projeto Kiriku: educação para as relações raciais e literatura infantil antirracista nos CEMEIs, UMEIs e Escolas do município de Santarém-PA e região, que luta e reivindica uma Educação Antirracista em todas as escolas e para todas as crianças.

Agora que já me apresentei e me conhecem um pouquinho, vamos a minha pesquisa:

A ideia desta pesquisa nasceu durante a Disciplina de Estágio Supervisionado da Educação Infantil, onde realizei meu primeiro Estágio da minha Graduação e da minha vida, com crianças na faixa etária de 01 (um) ano e 06 (seis) meses de idade a 05 (cinco) anos de idade, que tudo mudou com relação ao meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Foi a partir deste Estágio na Educação Infantil em uma UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil) de Santarém/Pará, que ocorreu a mudança de 360° graus, de tudo que já havia pensado em tema para minha pesquisa.

No meu primeiro dia de Estágio na UMEI, onde fui apresentada a uma criança de nome "Lara" (nome fictício) e tanto a professora como a mãe da criança, me deram a informação de que se não lembrasse do seu nome, que podia chamá-la de " BRANCA DE NEVE", pois era branca, como a Branca de Neve da história da princesa. E isso foi bem surpreendente, impactante e muito constrangedor para mim, pois, eu uma mulher negra, tendo que cuidar e educar da "BRANCA DE NEVE". E o silenciamento e normalização por parte da professora foi tão natural, como corriqueira e diária.

E este dia, ainda teve mais falas e atitudes racistas, a "BRANCA DE NEVE", não quis sentar-se ao lado do "Igor" (também nome fictício) e perguntei para ela: - Por quê você não quer sentar do lado do "Igor"? Ele (Igor) respondeu: -" É porque sou preto, professora!" Neste momento foram muitos os sentimentos dentro de mim: surpresa, espanto, incredulidade, perplexidade, revolta, tristeza, raiva, pena, constatação, vontade de chorar, vontade de abraçar o "Igor", vontade de intervir e uma imensa indignação em vê que mais uma vez o silêncio da professora, que fez que não ouviu e trocou o "Igor" de lugar e ficou claro de como são tratadas as crianças que sofrem qualquer tipo de racismo, preconceito e discriminação neste UMEI, que são crianças de 1 (um) e 6 (seis) meses de idade à 5 (cinco) anos de idade. O episódio que presenciei e estou relatando ocorreu em uma sala de Pré II. É evidente que a fala e atitudes da "Branca de Neve", são reproduções do que ela vivencia em casa, são

falas dos adultos com quem ela se relaciona e reproduz na escola e com seus colegas.

Por isso, é imprescindível, que as professoras (os) conheçam as Legislações Brasileiras que abordam esta temática e coloquem nos seus planos de aula, suas conversas com as crianças, nas atividades pedagógicas, nas literaturas que são oferecidas para as crianças, isto é, conheçam verdadeiramente o que a Educação Antirracista e como como pratica-la todos os dias e ano todo, sem que para isso ocorra em momentos e datas específicas, como no 20 de Novembro.

Assim, este trabalho, **“EU SOU A BUCALA!!”. A AFROTECA SANKOFA: instrumento de combate ao racismo, ao preconceito e a discriminação na Educação Infantil no CEMEI Antônia Corrêa e Sousa - Santarem-PA**, se junta as pesquisas, que tem como objetivo analisar a importância da Educação Antirracista com crianças e suas relações etnico-raciais no convívio escolar e familiar. A partir da observação participante, esta pesquisa foi desenvolvida na Afroteca Sankofa, observando e coletando informações das professoras, funcionários, família e das crianças, principalmente as negras e suas relações etnico-raciais no convívio escolar, dentro da sala da Afroteca Sankofa e percepções do convívio familiar.

Também busquei analisar a importância das Legislações Brasileiras na implementação da Educação Antirracista Infantil na Primeira Infância. Esta pesquisa se justifica pela necessidade urgente da implementação das leis que tratam da temática de uma Educação Antirracista que se inicie na Primeira Infância, pois é a primeira socialização que as crianças tem, depois da familiar e onde as diferenças vão trazer muitos impactos para as crianças, principalmente as negras e indígenas.

Para desenvolver a escrita desta pesquisa, a dividi em três capítulos:

No primeiro capítulo irei abordar a Infância, Educação Infantil e Relações Raciais na perspectiva de teóricos que pesquisam e estudam essas temáticas e das principais legislações que abordam este tema tão importante e atual. Tem como objetivo desvelar a educação antirracista que contem desde as primeiras legislações brasileiras sobre a educação infantil e assim como teóricos e estudiosos que pesquisam e estudam sobre a temática analisam a trajetória das leis e as praticas vivenciadas pelas crianças, principalmente, as negras.

No segundo capítulo faço uma abordagem da contextualização do Projeto Kiriku. O que é Projeto Kiriku? Como surgiu? Qual finalidade? Por que este Projeto no CEMEI?

O resultado deste Projeto que é a Afroteca Sankofa, - foco da minha pesquisa, e faço um breve histórico sobre o Bairro e o CEMEI.

No último capítulo, apresentarei minha pesquisa de campo, no CEMEI Antônia Corrêa e Sousa, dentro da sala da Afroteca Sankofa, de total “observação participante”. Teve como objetivo observar como está sendo utilizada a sala da Afroteca Sankofa? Como as crianças interagem com os materiais da Afroteca? Como os professores planejam as atividades desenvolvidas na Afroteca? As famílias das crianças conhecem e visitam a Afroteca? E a comunidade escolar em torno do CEMEI, conhecem e visitam a Afroteca? O que mudou no CEMEI, com todos os funcionários, crianças, famílias e comunidade em geral após a implementação da Afroteca Sankofa? E minhas considerações finais do que pude observar.

2- EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E PRIMEIRA INFÂNCIA

Neste capítulo irei abordar a infância, educação infantil e relações raciais na perspectiva de críticos que pesquisam essas temáticas e das principais legislações que abordam estes assuntos tão importantes e atuais. Esta parte tem como objetivo tratar do antirracismo na educação infantil e sua presença na legislação brasileira

Antes de iniciar o estudo sobre a educação antirracista na educação infantil e nas legislações, preciso falar de como iniciou a ideia deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

2.1– Racismo E Antirracismo No Estágio Supervisionado

Esta pesquisa teve início por ocasião da disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil, do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. Inicialmente tinha outra proposta de pesquisa (na área da Educação no Campo), mas com o estágio me conduziu para uma mudança. Desse modo, assim como Cavaleiro (1998) que também teve como florescimento da sua pesquisa de Mestrado na sua experiência profissional em uma escola de Educação Infantil por mais de quatro anos ao afirma que *“a relação diária com crianças de quatro a seis anos permitiu-me que, nesta faixa de idade, crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico a que pertencem”* (p. 11), eu também vivenciei

surgimento do tema da minha pesquisa de TCC no meu primeiro dia de Estágio na UMEI, onde fui apresentada a uma criança de nome "Lara" e tanto a professora como a mãe da criança, me deram a informação de que se não lembrasse do seu nome, que podia chamá-la de "BRANCA DE NEVE", pois era branca, como a Branca de Neve, da conhecida história europeia "Branca de Neve e os Sete Anos". E isso foi surpreendente, impactante e muito constrangedor para mim, pois, eu uma mulher negra, tendo que cuidar e educar da "BRANCA DE NEVE", me fez lembrar da função das "mucamas". É o que Cavalheiro reafirma em sua pesquisa:

“[...]A socialização torna possível à criança a compreensão do mundo, por meio das experiências vividas, [...] as atitudes e comportamentos sociais não serão obrigatoriamente cópias fiéis das atitudes e comportamentos de seus mediadores. [...],dizer isto não significa diminuir o papel dos mediadores, nem desconsiderar o fato de as crianças se identificarem com os seus familiares: pais, irmãos mais velhos e outros adultos. Elas podem, inconscientemente, copiar a conduta do adulto exatamente como elas vêem o adulto atuando à sua volta.” (Cavalheiro, 1998, p. 19-20)

E este dia não ficou somente por este absurdo construído pelos adultos, uma vez que a criança branca ("BRANCA DE NEVE"), não quis sentar-se ao lado de um menino negro "Igor". Perguntei para ela: – Por que você não quer sentar do lado do "Igor"? Ele (Igor) respondeu: – " É porque sou preto, professora!" Neste momento foram muitos os sentimentos dentro de mim: surpresa, espanto, incredulidade, perplexidade, revolta, tristeza, raiva, pena, constatação, vontade de chorar, vontade de abraçar o "Igor", vontade de intervir e uma imensa indignação em vê que a professora fez que não ouviu e se silenciou e ficou claro a maneira como muitas vezes são tratadas as crianças que sofrem qualquer tipo de racismo, preconceito e discriminação neste UMEI. A UMEI, na qual esses fatos aconteceram, atende crianças de 1 (um) e 6 (seis) meses a 5 (cinco) anos de idade. Os episódios que presenciei e estou relatando ocorreu em uma sala de Pré II, são crianças de 3 (três) a 5 (cinco) anos de idade. As duas crianças citadas tinham 4 (quatro) anos, o que torna mais absurda a situação. Não houve durante todo o estágio nenhuma intervenção por parte da professora e a mesma em momento nenhum foi relatar o fato e todos os outros que presenciei e observei para a Gestão escolar, Coordenação Pedagógica, ou relatou no livro de ocorrências. Cavalheiro (1998), também fez a mesma constatação em sua pesquisa:

Essas situações de discriminação, ocorridas na presença de professores, sem que estes interferissem, chamaram minha atenção. Os educadores não

perceberam o conflito que se delineava. Talvez por não saberem lidar com tal problema, preferiram o silêncio. Também me questionei sobre a possibilidade desse silêncio decorrer do fato desses considerando-as corretas e reproduzindo-as em seus cotidianos. profissionais compactuarem com as idéias preconceituosas. (p. 11-12).

Os fatos relatados anteriormente em várias ocasiões e locais do espaço escolar (sala de aula, parquinho, refeitório, ensaio de apresentações, momentos de interações das turmas) aconteceram diversas vezes. O racismo, preconceito e discriminação entre criança-criança, professores-crianças e funcionários-crianças muitas vezes eram silenciados e levados como “coisa de criança” ou “é uma brincadeira”. Estas formas de agir, às vezes claras e explícitas e às vezes nas entrelinhas, indignou-me ao ponto de procurar formas de intervir de maneira adequada, uma vez que estamos lidando com as crianças. Sobre este tipo de episódios, Cavalheiro (1998) discorre:

De qualquer modo, minha experiência mostrou que o silêncio do professor facilita novas ocorrências desse tipo, reforçando inadvertidamente a legitimidade de procedimentos preconceituosos e discriminatórios no espaço escolar e, a partir deste, para outros âmbitos sociais. (p. 12).

Este estágio continha uma semana de observação, uma semana de participação e uma semana de Regência. Fiquei pensando como faria para intervir na lamentável situação que presenciei e trabalhar com a temática antirracista. Foi quando recorri ao Prof. Dr. Luiz Fernando de França, do Curso de Letras, do Grupo AFROLIQ (*Grupo de Pesquisa em Literatura, História e Cultura Africana, Afro-brasileira, Afro-Amazônica e Quilombola do ICED/UFOPA*) e do *Projeto Kiriku: educação para as relações raciais nos(as) CEMEIs, UMEIs e Escolas de Santarém-PA*, via e-mail, que de imediato atendeu o meu pedido para fazermos uma Intervenção abordando a temática infantil antirracista, que seria trabalhada durante a semana toda e encerraria com a apresentação do acervo da Afroteca Willivane Melo para as crianças, profissionais da UMEI. As famílias das crianças foram especialmente convidadas. Como afirma Cavalheiro (1998):

Não se concebe um desenvolvimento proporcionado exclusivamente pela educação formal, como também não se entende esse desenvolvimento sendo realizado unicamente pelo familiar. Afinal, juntas, escola e família são responsáveis pela formação do indivíduo. Não se pode valorizar a escola em oposição à educação familiar e vice-versa. Ambas desempenham funções de profunda importância (Cavalheiro, 1998, p 15).

A semana de Intervenção foi maravilhosa, com participação total das crianças, procurei por toda a semana trabalhar a temática antirracista com livros de autores negros, jogos pedagógicos com personagens negros, filme do “Kiriku e a Feiticeira”, bonecas negras; e fechando a Intervenção com uma exposição feita pelos integrantes do Projeto Kiriku, que apresentaram a Afroteca Willivane Melo e trouxeram livros, bonecas, instrumentos musicais e jogos pedagógicos, todos de temática negra que trabalham para uma educação antirracista. Convidei todas as turmas do turno vespertino, os professores e demais funcionários da UMEI, assim como os pais. As crianças ficaram fascinadas com tantas variedades de materiais. Ficaram no primeiro momento tímidas e arredias em pegar nas bonecas, mas pude observar que as crianças pretas correram e foram pegar as bonecas, e isto deixa claro o quanto é importante a criança se identificar com o material que a escola coloca à sua disposição. As crianças brancas, inclusive a “Lara”, precisou de um tempo para assimilar materiais que com certeza nunca fizeram parte da relação de materiais que até este momento teve contato em casa e na escola. É preciso enfatizar que ainda precisamos normalizar a educação antirracista em todos os níveis da Educação Básica. Neste sentido, Cavalheiro (1998) comenta:

No que concerne às crianças, a escola é o local onde elas se encontram e estabelecem contatos com outras crianças e com pessoas diferentes do seu grupo familiar, tudo isso longe do grupo familiar e fora do raio de sua proteção. Observar as relações interpessoais que na escola se vivenciam é, penso, essencial quando se entende a Educação como um dos principais fatores de desenvolvimento da cidadania. (p. 16).

A partir deste Estágio me tornei integrante e pesquisadora do Grupo AFROLIQ e do Projeto Kiriku, voluntária e posteriormente bolsista na Afroteca Willivane Melo. No projeto, estudamos, analisamos e pesquisamos as relações etnico-raciais na primeira infância, com mais enfoque nos CEMEIS Paulo Freire, Maria Raimunda Pereira e Sousa e Antônia Corrêa e Sousa e nas respectivas Afrotecas, Amoras, Lelê e Sankofa.

Foi no Cemei Antônia Corrêa e Sousa, na sala da Afroteca Sankofa que desenvolvi esta pesquisa de TCC e realizei minhas observações e intervenções na busca difícil, mas muito importante, da implementação efetiva de uma educação infantil antirracista.

2.2 - Infância, Educação Infantil E Relações Raciais

A Educação Infantil é o primeiro contato da criança com a experiência escolar e incorpora a importante fase da vida entre um e cinco anos de idade. Dessa forma, deve propiciar o desenvolvimento integral do indivíduo em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Frente a isso, é fundamental compreender a importância desse período escolar no crescimento da criança e como a família e a escola podem contribuir para o avanço cognitivo do aluno. Para Cavalleiro (1998), juntas:

"(...) escola e família são responsáveis pela formação do indivíduo (...) ambas desempenham funções de profunda importância. (...). Escola e família, juntas, representam a possibilidade das transformações do pensamento sobre a realidade social construída sobre ideologias. (Cavalleiro, 1998, p.15)

Nesta perspectiva, Reis, Bispo e Cruz (2023) reforçam que a etapa da Educação Infantil é essencial para que a criança tenha um convívio social além do núcleo familiar. Logo, é um momento importante para que o indivíduo aprenda a se relacionar e viver em sociedade, desenvolvendo habilidades fundamentais à formação humana, além das capacidades cognitivas e motoras (p. 4).

O desenvolvimento histórico da Educação Infantil no Brasil e no mundo passou por diferentes momentos e transformações ao longo de décadas, para entendermos este caminho, é necessário fazermos a cronologia histórica e, principalmente, em que momento a Educação Infantil Antirracista passou a contemplar as Leis e Legislações Brasileiras e a relação aos estudos específicos sobre racismo na infância ou sobre educação para as relações raciais na Educação Infantil. As pesquisas de Cavalleiro (1998; 2021), Almeida, (2019), Reis, Bispo e Cruz (2023) e França et. alii. (2024), sustentam inicialmente nossa abordagem para esta pesquisa.

Em sua pesquisa, Cavalleiro (1998), constata a gravidade e as cruéis e profundas consequências destrutivas do racismo na infância. A autora comenta o início de sua pesquisa:

A ideia desta pesquisa começou a florescer no segundo semestre de 1995, por ocasião de meu ingresso no NEINB-USP, que ocorreu simultaneamente

à minha experiência profissional em uma escola de educação infantil por mais de quatro anos. A relação diária com crianças de quatro a seis anos permitiu-me identificar que, nesta faixa de idade, crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico a que pertencem. Em contrapartida, crianças brancas revelam um sentimento de superioridade, assumindo em diversas situações atitudes preconceituosas e discriminatórias, como por exemplo, xingando e ofendendo as crianças negras, atribuindo à cor da pele caráter negativo. (1998, p. 11)

A “identidade negativa”, que Cavalheiro (1998) menciona em sua pesquisa, que afeta principalmente e profundamente a criança negra nas Instituições de ensino de Educação Infantil, causa uma baixa auto-estima, ao ponto de esconder sua identidade e levar ao embranquecimento, alisamento dos cabelos, negação de suas origens e ancestralidades e afetar seu potencial de aprendizagem e desenvolvimento. Esses efeitos, na maioria das vezes, ocorrem na presença dos professores. Cavalheiro (1998) diz que:

Essas situações de discriminação, ocorridas na presença de professores, sem que estes interferissem, chamaram minha atenção. Os educadores não perceberam o conflito que se delineava. Talvez por não saberem lidar com tal problema, preferiram o silêncio. Também me questionei sobre a possibilidade desse silêncio decorrer do fato desses profissionais compactuarem com as idéias preconceituosas, considerando-as corretas e reproduzindo-as em seus cotidianos. (Cavalheiro, 1998, p.11-12).

Na sequência, enfatizo que minha pesquisa está referenciada na legislação brasileira antirracista, com destaque para os documentos que garantem os direitos das crianças e dos adolescentes, e marcos legislativos que mencionam diretamente a temática da educação para as relações raciais na Educação Infantil, incluindo o direito de acesso ao ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana.

2.3 – Antirracismo Na Legislação Educacional

Na Constituição Brasileira de 1988, não há explícito na redação do texto, alguma menção em relação a educação antirracista na primeira infância, mas temos artigos que tratam da dignidade das crianças, do pleno desenvolvimento da pessoa, do preparo

para a cidadania, do direito a cultura, a dignidade, ao respeito. É o que regulamenta o art. 227 da atual Constituição Federal:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 1988, art.227)

Assim como a Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, também aborda em seus artigos, a criança como ser humano e sujeitos de direitos, em condições peculiares de desenvolvimento, a qual requer proteção integral e prioritária por parte da família, da sociedade e do Estado Brasileiro. Nesse sentido, é um documento que deixa explícito, o combate e a proteção às diversas e variadas formas de discriminação, incluindo a de “raça, etnia ou cor”:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. (Eca, 1990, p. 9)

E o Art. 5º também deixa evidente o combate e o enfrentamento à discriminação:

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. (Eca, 1990, p. 10-11).

Após uma ampla discussão e reformulação, foi promulgada como Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabeleceu as Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB), reafirmando a importância da educação infantil como primeira etapa da educação básica e determinando que esta etapa que fosse oferecida em creches e pré-escolas, como um direito da criança e dever do Estado:

Artigo 29: A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (LDB, 1996, p. 18)

Artigo 30: estabelece que a Educação Infantil será oferecida em creches para crianças de até três anos e em pré-escolas para crianças com idade de quatro a seis anos de idade. (Ldb, 1996, p. 18)

O art. 26 da LDB (1996) também iniciou uma tímida referência a implementação de uma Educação Antirracista ao instituir que deveria ser ensinado a história e as contribuições da cultura e etnias de matrizes africanas nas escolas:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (LDB, 1996)

§ 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia. (LDB, 1996)

Após muita luta dos Movimentos Sociais e principalmente do Movimento Negro Brasileiro, em 2003, foi promulgada a *Lei 10.639/03*, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da educação nacional, para incluir no currículo das escolas públicas e particulares a obrigatoriedade do ensino "História e Cultura Afro-Brasileira". A Lei é um grande avanço neste aspecto, pois melhor especificou e desenvolveu o conteúdo a ser trabalhado na Educação Básica:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira."

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **capit** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

"§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras."

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'." (Brasil, 2024, p. 35)

Nesta mesma direção, a *Lei 11. 645*, de 10 de março de 2008, também altera a LDB, e inclui a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura "Indígenas escolas. Assim, ocorreu com a Lei 10.639/03, essa nova alteração é um avanço educacional importante, uma que também define de maneira mais evidente o conteúdo a ser trabalhados nas escolas em relação aos povos indígenas:

Art. 1º O art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (Brasil, 2008, p. 1)

Esta alteração reafirmou e foi bem incisivo que o ensino da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, assim como a cultura negra e indígena brasileira na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. A Lei orienta que estes conteúdos sejam ministrados no âmbito de todo o currículo escolar – no qual se inclui a Educação Infantil – em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. Para nós que estamos estudando e pesquisando sobre a educação antirracista infantil esta orientação é muito relevante, pois embasa a obrigatoriedade desse ensino participar da formação inicial das nossas crianças, como também da formação das(os) professoras(es) que na Educação Infantil. Cavaleiro (1998), neste sentido, faz um alerta:

Não seria demasiado supor que a ausência desse tema no planejamento escolar impede a promoção de boas relações étnicas. O silêncio que envolve essa temática nas diversas instituições sociais favorece que se entenda a diferença como desigualdade e os negros como sinônimos de desigual e inferior. (Cavaleiro, 1998, p. 25).

Outro aspecto importante da Lei n.º 10.639/03 é promover reflexões sobre as relações raciais no Brasil, pois dá orientações às escolas na promoção da igualdade racial, respeito à diversidade cultural, religiosa, etc., e na desconstrução de estereótipos e preconceitos, que infelizmente acontecem nas escolas, inclusive e infelizmente, na Educação Infantil, conforme já relatei. Para enfatizar esta triste realidade sobre os preconceitos e estereótipos, Cavaleiro, 1998 comenta:

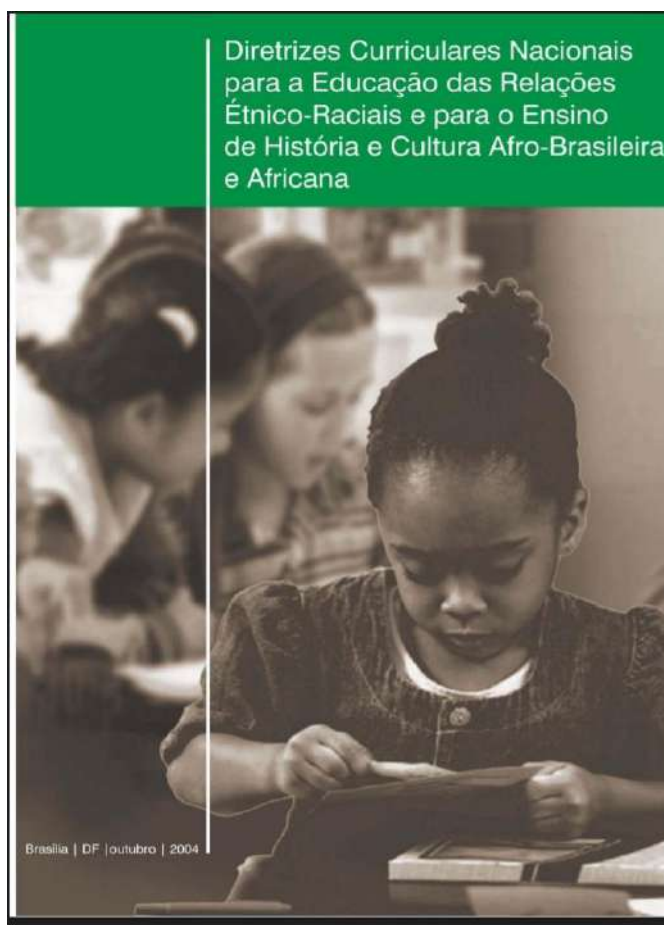
Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre negros. (p. 19)

São vários os desafios para que a Lei 10.639/03 e a Lei 11.645/08 seja implementada nas instituições escolares, começando pela compreensão de que o racismo e suas formas interligadas com a discriminação e o preconceito se manifesta nas práticas educativas e no currículo escolar, nos diferentes níveis de ensino e iniciando na educação infantil, pois crianças de 3 a 5 anos de idade muitas vezes já

chegam nos CEMELs , UMEIs e Escolas com falas e atitudes racistas, preconceituosas e discriminatórias. Como afirma França et. alii (2024): “ *as narrativas das professoras apontaram para uma evidência preocupante: crianças de 03 ou 04 anos estão chegando nessas unidades de ensino já reproduzindo práticas e falas racistas.*” (p. 115)

Para fortalecer as Legislações anteriores e ajudar a diminuir anos de total silenciamento e esquecimento do povo negro e principalmente das crianças negras, que iniciam sua vida escolar e cidadã, foi homologado, em 18 de maio de 2004, as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Trata-se de um documento que tem como objetivo central colaborar para que todo o sistema de ensino e as instituições educacionais cumpram as determinações legais com vistas a educar para as relações étnico-raciais, enfrentar todas as formas de preconceito, racismo e discriminação, bem como para garantir o direito de aprender e o dever de promover uma sociedade mais justa e solidária. (BRASIL, 2009, p. 27).

Figura: Capa do livreto *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (2004).



Fonte:

<https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>

Em sua capa, as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*, traz uma criança negra em sala de aula, junto aos seus colegas de turma. Em destaque na imagem está uma criança negra, pois o documento aborda este protagonismo e dá orientações sobre como a escola pode fazer para que as crianças negras se sintam identificadas em todos os espaços escolares e principalmente nos conteúdos didáticos desenvolvidos nas atividades pedagógicas. As Diretrizes vêm para tentar acabar com o silenciamento sobre a educação para as relações raciais e sobre a condição de violência que perpassa a vida escolar dos estudantes negros vítimas do racismo e de

uma educação que não valoriza sua história, sua cultura e sua identidade. Por isso, as Diretrizes são destinadas a todos os partícipes do processo educativo:

Destina-se, o parecer, aos administradores dos sistemas de ensino, de mantenedoras de estabelecimentos de ensino, aos estabelecimentos de ensino, seus professores e a todos implicados na elaboração, execução, avaliação de programas de interesse educacional, de planos institucionais, pedagógicos e de ensino. Destina-se, também, às famílias dos estudantes, a eles próprios e a todos os cidadãos comprometidos com a educação dos brasileiros, para nele buscarem orientações, quando pretenderem dialogar com os sistemas de ensino, escolas e educadores, no que diz respeito às relações étnico-raciais, ao reconhecimento e valorização da história e cultura dos afro-brasileiros, à diversidade da nação brasileira, ao igual direito à educação de qualidade, isto é, não apenas direito ao estudo, mas também à formação para a cidadania responsável pela construção de uma sociedade justa e democrática. (2004, p. 10).

Existem dados no próprio documento que apontam as desigualdades entre brancos e negros na educação e que revelam a necessidade de políticas específicas que revertam o atual quadro, pois:

[...] pessoas negras têm menor número de anos de estudos do que pessoas brancas (4,2 anos para negros e 6,2 anos para brancos); na faixa etária de 14 a 15 anos, o índice de pessoas negras não alfabetizadas é 12% maior do que o de pessoas brancas na mesma situação; cerca de 15% crianças brancas entre 10 e 14 anos encontram-se no mercado de trabalho, enquanto 40,5% das crianças negras, na mesma faixa etária, vivem essa situação. (2004, p. 7-8).

Assim, as Diretrizes destacam a importância de uma Educação Infantil Antirracista, que promova a valorização da diversidade étnico-racial desde os primeiros anos de vida. Elas enfatizam a necessidade de promover o respeito, a valorização e a compreensão da cultura afro-brasileira e africana:

É importante salientar que tais políticas têm como meta o direito dos negros se reconhecerem na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias, manifestarem com autonomia, individual e coletiva, seus pensamentos. É necessário sublinhar que tais políticas têm, também, como meta o direito dos negros, assim como de todos cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos

níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnico-raciais, ou seja, entre descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. Estas condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade, para todos, assim como o é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos. (2004, p. 10-11).

O documento ressalta a importância de garantir que as crianças tenham acesso a recursos pedagógicos, cartazes e ilustrações que representem a diversidade étnico-racial brasileira, promovendo a autoestima e a identidade das crianças negras e afrodescendentes:

[...] Inclusão de personagens negros, assim como de outros grupos étnico-raciais, em cartazes e outras ilustrações sobre qualquer tema abordado na escola, a não ser quando tratar de manifestações culturais próprias, ainda que não exclusivas, de um determinado grupo étnico-racial. (2004, p. 24).

Também as Diretrizes reforçam a importância de sensibilizar os profissionais da Educação Infantil para a temática das relações étnico-raciais, visando a promoção de uma prática educativa antirracista e inclusiva:

Mais um equívoco a superar é a crença de que a discussão sobre a questão racial se limita ao Movimento Negro e a estudiosos do tema e não à escola. A escola, enquanto instituição social responsável por assegurar o direito da educação a todo e qualquer cidadão, deverá se posicionar politicamente, como já vimos, contra toda e qualquer forma de discriminação. A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política. O racismo, segundo o Artigo 5º da Constituição Brasileira, é crime inafiançável e isso se aplica a todos os cidadãos e instituições, inclusive, à escola (2004, p. 16).

Neste sentido, o papel da escola e dos professores é fundamental para a implementação de todas as leis que tratam sobre uma educação antirracista,

principalmente nos CEMELs e UMEIs, pois são os locais de entradas das crianças na sua vida escolar e onde fortemente e de forma cruel o processo de estruturação do racismo, preconceito e discriminação na infância e na educação se inicia. Por isso é papel da escola:

[...]. Nesta perspectiva, cabe às escolas incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além das de raiz africana e europeia. É preciso ter clareza que o Art. 26A acrescido à Lei 9.394/1996 provoca bem mais do que inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecida pelas escolas (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2004, p. 17).

Como mais um recurso para fortalecer ações pedagógicas exclusivas para a Educação Infantil foi criada a Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, que institui as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil* a serem observadas na organização de propostas pedagógicas na Educação Infantil. O documento reúne “princípios, fundamentos e procedimentos” para orientar o fazer educativo na área e a “elaboração, planejamento, execução e avaliação” de práticas pedagógicas (2009, p. 01). Segundo a Resolução (2009), em seu Art. 4º, a Educação Infantil deve ser pensada como a:

[...] primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.” (2009, p. 01).

O Art. 8º do documento estabelece que o ensino nesta etapa deve levar as crianças a conhecerem as várias contribuições dos povos que formam o nosso país. E que essa temática deve ser trabalhada de forma transversal nos currículos, ou

seja, permeando todas as áreas de conhecimento e todas as ações desenvolvidas com as crianças com o objetivo de promover:

[...]. A apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América. (Resolução, 2009, p. 02).

Em seu Art. 7, a Resolução (2009) oferece orientações de propostas pedagógicas da Educação Infantil que devem garantir que se cumpra plenamente a sociabilidade entre as crianças, sem nenhuma forma de dominação ou inferiorização com base nas diversidades étnico-raciais ou culturais. O objetivo é promover o respeito, a valorização e o reconhecimento das diferentes histórias, culturas e identidades presentes nas infâncias e em nossa sociedade. Para isso, deve-se construir:

[...]. novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa. (p.02)

Como se vê, o documento reforça a necessidade de combate ao racismo e suas manifestações dentro e fora das instituições de Educação Infantil, por meio de práticas pedagógicas que incentivem a igualdade, a solidariedade e o enfrentamento a todas as formas de exclusão. Para atender esses objetivos, é preciso incentivar:

[...]. O reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação. (Resolução, 2009, p. 02)

Na mesma perspectiva, no Inciso X, do mesmo artigo, destaca que a criança não pode ter sua dignidade afetada por nenhum tipo de violência; o racismo, preconceito e discriminação são violências que machucam, ferem e deixam marcas duradouras e profundas desta a infância. Por isso é preciso garantir:

X - a dignidade da criança como pessoa humana e a proteção contra qualquer forma de violência – física ou simbólica – e negligência no interior da instituição

ou praticadas pela família, prevendo os encaminhamentos de violações para instâncias competentes. (2009, p. 03)

Esta mesma orientação antirracista que encontramos nas Diretrizes da Educação Infantil, também podemos identificar na *Base Nacional Comum Curricular* (2017), especificamente na parte que corresponde a Educação Infantil no Documento.

Na parte denominada de “Direitos de Aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil”, o direito de *Conviver* destaca justamente a importância do respeito às diferenças:

Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas. (p. 38; grifo meu)

No item sobre as “Campos de Experiências”, a BNCC reforça este mesmo propósito ao aprofundar o assunto demonstrando no campo “O eu, o outro e nós” deve ser utilizado com mecanismo de experimentação de educação para convivência coletiva e para a promoção da diversidade cultural e étnico-racial da nossa sociedade:

O eu, o outro e o nós – É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos. (p. 40, grifo meu)

Do ponto de vista da garantia dos direitos da criança, este conjunto de textos da legislação educacional antirracista é muito valioso, pois é fruto de uma luta histórica e busca assegurar que as infâncias tenham uma educação que enfrenta o racismo e seus derivados (preconceito, discriminação, estereótipos). Porém, essa legislação precisa ser praticada pelas instituições, uma vez que somente a promulgação de leis ou a construção de Diretrizes e Resoluções não garante sua implementação de Educação Antirracista concreta. O combate ao racismo exige uma efetiva política educacional,

movida por ações, resultados e avaliações permanentes. É nessa direção que fala também Cavalleiro, ao defender uma educação para as crianças que seja sinônimo de “transformação da sociedade”:

No que concerne às crianças, a escola é o local onde elas se encontram e estabelecem contatos com outras crianças e com pessoas diferentes do seu grupo familiar, tudo isso longe do grupo familiar e fora do raio de sua proteção. Observar as relações interpessoais que na escola se vivenciam é, penso, essencial quando se entende a Educação como um dos principais fatores de desenvolvimento da cidadania. Só através da Educação é possível desmistificar as grandes contradições que nos são peculiares. Escola e família, juntas, representam a possibilidade da transformação do pensamento sobre a realidade social construída sob “ideologias”, como por exemplo, o “mito da democracia racial”. Somente uma discussão profunda dos problemas relacionados ao preconceito e à discriminação pode concorrer para a transformação da sociedade que, sistematicamente, tem aliado muitos indivíduos do direito à cidadania (Cavalleiro, 1998, p.15-16)

É na perspectiva de pensar caminhos efetivos para que legislação “saia do papel” e torne prática de ensino permanente na Educação Infantil, que no capítulo seguinte apresento o já mencionado Projeto Kiriku, sua trajetória nos CEMEIs e o processo de implementação da Afroteca Sankofa, do CEMEI Antônio Corrêa, em Santarém.

Por fim, registro que a Educação Infantil desempenha um papel primário na desconstrução do racismo e dos estereótipos e na promoção de uma cultura de respeito e valorização da diversidade. Portanto, é fundamental que os educadores estejam preparados para lidar com essas questões, promovendo a reflexão, o diálogo e ações afirmativas no ambiente escolar.

A Educação Infantil é também um momento determinante para o desenvolvimento das crianças, pois é nessa fase que se estabelecem as bases para a formação de cidadão que contribuirá para construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Logo, é essencial que a escola e os educadores sejam agentes de transformação, atuando de forma antirracista, inclusiva e respeitosa, para que todas as crianças possam crescer em um ambiente livre de racismo, preconceito e discriminação.

3. CONHECENDO A TRAJETÓRIA HISTÓRICA : PROJETO KIRIKU; BAIRRO SANTO ANDRÉ, CEMEI ANTÔNIA CORRÊA E SOUSA E AFROTECA SANKOFA

Neste capítulo irei abordar o “Projeto Kiriku: educação para as relações raciais e literatura infantil antirracista nos CEMEIs do município de Santarém” no CEMEI Antônia Corrêa e Sousa, a partir das seguintes questões: o que é Projeto Kiriku? Como surgiu? Qual a finalidade? Por que este projeto foi realizado no CEMEI? Também destacarei o principal resultado do projeto na Unidade de Educação Infantil: a Afroteca Sankofa. Para responder estas indagações falaremos da trajetória do projeto.

3.1 - O Projeto Kiriku

Conforme consta no *Relatório Final do Projeto Kiriku: educação para as relações raciais e literatura infantil antirracista nos CEMEIs do município de Santarém (2022)*, o projeto é um resultado das atividades de extensão e das formações que o AFROLIQ (*Grupo de Pesquisa em Literatura, História e Cultura Africana, Afro-brasileira, Afro-amazônica e Quilombola da Universidade Federal do Oeste do Pará -UFOPA*), tem oferecido nos Centros Municipais de Educação Infantil (CEMEIs) do município de Santarém desde o ano de 2019, com destaque para as atividades desenvolvidas nos CEMEIs Maria Raimunda, Antônia Corrêa e Sousa e Paulo Freire. Estas formações tinham como tema: “Educação para as relações raciais e a literatura infantil antirracista” que foram ministradas nos CEMEIs e escolas, o que possibilitou um diálogo muito importante com todos que atuam na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Esses momentos formativos, para além de espaço de socialização de ideias e de conhecimentos, são espaços valiosos de trocas, escuta de relatos, práticas e experiências vivenciadas.

O desenvolvimento do Projeto Kiriku e a experiência extensionista e formativa nos CEMEIs possibilitou um primeiro contato com a problemática das relações raciais que atravessam o dia a dia das unidades, bem como já direcionou para alguns caminhos de intervenção pedagógica em parceria com todos que fazem parte dos CEMEIs. Portanto, o projeto não é somente o levantamento de dados sobre as relações raciais nesses espaços, mas é, também, oferecer um retorno social, pedagógico, cultural, estético e antirracista que alcance principalmente as crianças.

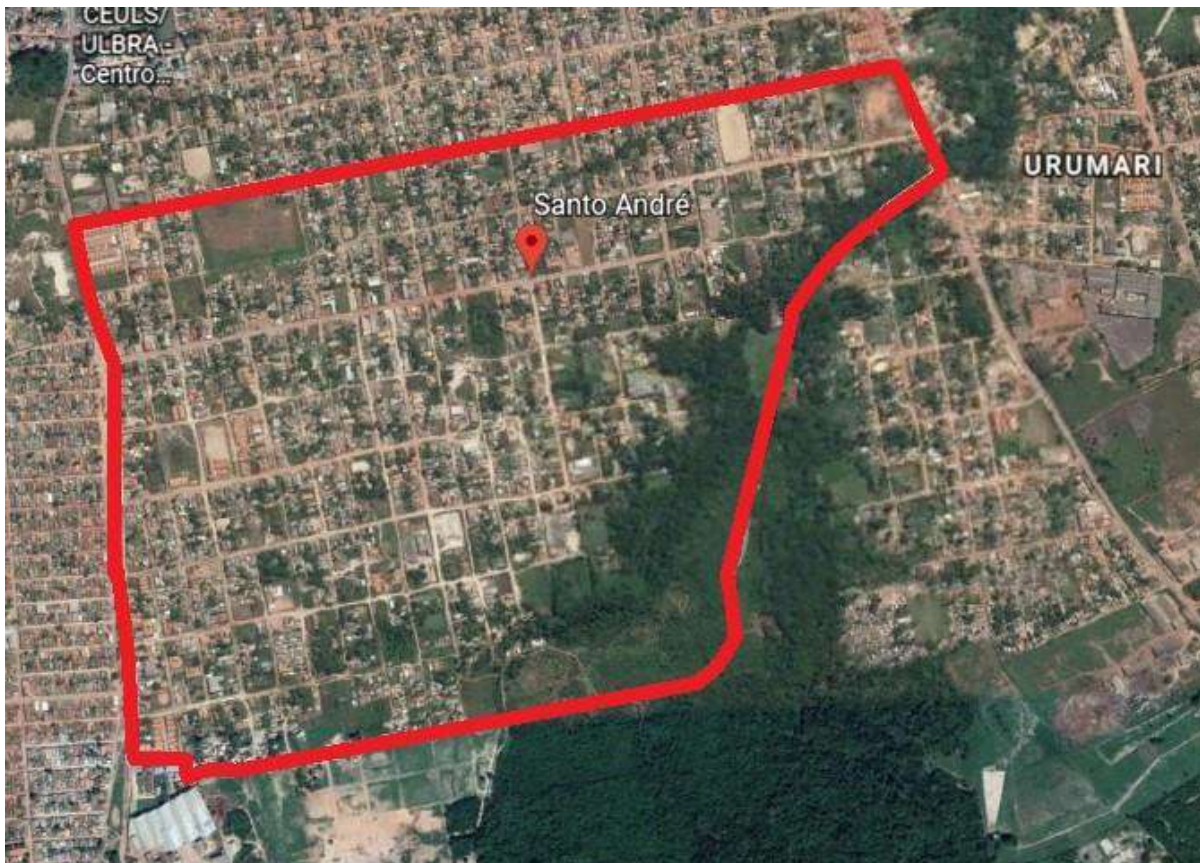
O nome do projeto, “Kiriku” vem da personagem protagonista do filme *Kiriku e a Feiticeira*, de Michel Ocelot (1998). O filme é inspirado em um conto de tradição oral africana, que narra a trajetória do pequeno Kiriku, um menino pequeno e destemido, que enfrenta Karabá, uma feiticeira que até o seu nascimento, explorava o vilarejo. Do ato de nascer sozinho até ao movimento de arrancar com os seus próprios dentes um espinho nas costas de Karabá, o menino Kiriku realiza um conjunto de ações marcadas por um contínuo movimento de narrações, questionamentos, descobertas e transformações. O salvamento do tio e das crianças, a recuperação da fonte de água da comunidade e a retirada do espinho que violenta a própria feiticeira são partes de um fazer solidário e inteligente de quem deseja entender o mundo e mudá-lo. Nesse processo de luta contra a exploração, Kiriku vai também ao encontro da sua ancestralidade negra. Nesse desafio, tem grande importância a figura da mãe, que o auxilia no caminho, e do avô, que o acolhe, escuta e lhe conta aquilo que sabe. É um encontro da inquietação infantil com a sabedoria do mais velho que transforma a vida de todos.

Em 2022, a partir de uma parceria entre o AFROLIQ e o Instituto Amma Psique e Negritude, foi executado o projeto nos CEMEIS Paulo Freire, Antônia Corrêa e Sousa e Maria Raimunda Pereira de Sousa do município de Santarém-PA. Além do levantamento de dados sobre relações raciais na infância por meio da escuta das equipes de trabalho, dos responsáveis e das crianças, desenvolveram uma intervenção pedagógica através da construção das chamadas **AFROTECAS**, que são espaços de acolher crianças, educar e ler em perspectiva antirracista e afrocentrada. Em 11 de agosto de 2022, foi inaugurada a **Afroteca Willivane Melo** – a primeira do Estado do Pará e, possivelmente, do Brasil e do mundo, composta de livros, jogos, brinquedos e instrumentos musicais e pensada para crianças pequenas. Com a mesma composição, no mês de novembro de 2022, foi inaugurada mais três Afrotecas em Santarém: a **Afroteca “Amoras”**, do Cemei Paulo Freire, a **Afroteca “Sankofa”**, do Cemei Antônia Corrêa e a **Afroteca “Lelê”**, do Cemei Maria Raimunda Pereira de Sousa. São as primeiras Afrotecas construídas dentro de instituições que trabalham diretamente com a primeira infância. Todas as Afrotecas inauguradas estão em pleno funcionamento.

Agora, vamos adentrar sobre o foco de minha pesquisa: a Afroteca SANKOFA, mas para isso, precisamos conhecer um pouquinho do bairro Santo André, sobre o CEMEI Antônia Corrêa e Sousa e sobre a Afroteca SANKOFA.

3.2 – O Bairro Santo André

Foto: Mapa do Bairro Santo André



Fonte: Google Earth, 2018.

Conforme Gonçalves, Pontes, Serique e Gradella (2012), o Bairro Santo André teve início na década de 80, com o processo de ocupação e que em 1986, teve o seu apogeu, lembrando que o mesmo não possuiu um planejamento urbano, configurando numa ocupação desordenada ao entorno e até mesmo no interior da depressão, popularmente chamada de “buracão do Santo André”, daí a gênese da nomenclatura do bairro. Desta forma, o bairro já surge com grandes problemas sociais e ambientais em decorrência da segregação espacial, ausência de planejamento urbano, saneamento básico e ambiental e de investimentos na área da saúde, educação e segurança (GONÇALVES, PONTES, SERIQUE e GRADELLA, 2012, p. 691)

No ano de 1993 o lixão da cidade, alocado no bairro Elcione Barbalho na Rodovia Fernando Guilhon em uma área denominada de “Vala do Francês”, foi transferido para o bairro Santo André, precisamente no “Buracão do Santo André”

com funcionamento aproximado de quatro anos, aumentando as problemáticas já existentes, e por conseguinte os perigos para saúde, a vulnerabilidade social e as diversas dimensões do risco.

As alterações na topografia provocadas pela extração da argila para a construção civil foi um dos fatores responsáveis para o incremento de risco na localidade. A exploração do corpo geológico que se tornou uma área de empréstimo sucedeu-se sem planejamento nem cuidados, acabou por ocasionar uma considerável alteração à paisagem, pois onde existia uma área elevada, agora sobressaem pequenos lagos.

Em consequência a toda essa exploração e despejo do lixo, Gonçalves, Pontes, Serique e Gradella (2012) afirma que:

[...] a população que reside no interior do lixão sem qualquer tipo de infraestrutura, sofria cada vez mais com os eventos de alagamentos, causando diversos problemas, que vão da ordem financeira à de saúde pública, pois além de haver perdas de bens materiais, esta população fica exposta a inúmeras doenças por carreamento hídrico de dejetos sanitários e/ou resíduos do lixão, em decorrência dos lagos que estão contaminados, ressaltando que no período de maior índice pluviométrico (dezembro a junho) a população fica mais vulnerável aos alagamentos. (Gonçalves, Pontes, Serique e Gradella, 2012, p.693)

Desta forma, a população que reside no interior do lixão sem qualquer tipo de infraestrutura, sofria cada vez mais com os eventos de alagamentos, causando diversos problemas, que vão da ordem financeira à de saúde pública, pois além de haver perdas de bens materiais, esta população fica exposta a inúmeras doenças por carreamento hídrico de dejetos sanitários e/ou resíduos do lixão, em decorrência dos lagos que estão contaminados. Ressalta-se que no período de maior índice pluviométrico (dezembro a junho) a população ficava ainda mais vulnerável aos alagamentos.

As grandes transformações ocorridas no local com a retirada da vegetação original e posterior exploração do material para construção civil em que o relevo foi alterado resultando numa depressão, aliado a expansão urbana desordenada e, posteriormente, e talvez mais grave, o surgimento dos problemas ambientais com a transferência do lixão da cidade para esta parte do município, culminaram na região

conhecida como “Buracão do Santo André”, nome cujo reflexo é direto a realidade local.

O bairro Santo André está localizado na zona sul de Santarém, onde vivem atualmente aproximadamente 1.089 domicílios com aproximadamente 5.445 pessoas o que representa 1,81% da população de Santarém (IBGE, 2010), famílias que vivem das mais variadas profissões, como: funcionários públicos, pedreiro, carroceiro, gari, diaristas, empregadas domésticas, servidores públicos, pescadores, catadores de lixo, camelôs, carvoeiros, entre outros.

Atualmente o Bairro Santo André, possui uma UBS (Unidade Básica de Saúde; um CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) e duas Escolas Municipais de Ensino Fundamental: Santo André e Joaquim Cavalcante Maia; uma Associação de Moradores. Sua infraestrutura conta com ruas asfaltadas, a principal Edvaldo Leite, que também é a rua dos comércios, postos de combustíveis, bares, lanchonetes, restaurantes, supermercado, mercado, oficinas motos e carros, farmácias, lojas, borracharias, igrejas e moradias; a travessa Diamantino que corta os Bairros: Interventoria, COHAB, Diamantino e terminando no Bairro Santo André e a Monte Alegre, onde está localizada a Escola Santo André, e que foi asfaltada recentemente e este ano foi o local dos desfiles da “Semana da Pátria” das Escolas Municipais localizadas na Grande Área da Nova República e bairros adjacentes. Como podemos ver nas fotos, a rua Edvaldo Leite está necessitando de manutenção e recapagem asfáltica, refazer os meios fios de esgoto, refazer as calçadas que não existe mais, pois é uma via que faz ligação rápida para a Curuá Una, Moaçara, Sérgio Henn, Tancredo Neves, Rouxinol e Cuiabá.

3.3 - CEMEI Antônio Corrêa e Sousa

Figura 1: CEMEI Antônio Corrêa e Sousa



Fonte: acervo pessoal do autor

O Centro Municipal de Educação Infantil Antônio Corrêa e Sousa foi inaugurado no dia 26 de junho de 2018. A unidade recebeu este nome em homenagem a uma senhora (foto abaixo), moradora do bairro e atuante comunitária, que lutou incansavelmente para a implementação da Unidade Escolar e UBS (Unidade Básica de Saúde) e tantas outras melhorias para o bairro.

Figura 2: Antônio Corrêa e Sousa



Fonte: acervo do CEMEI

O CEMEI é mantido pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto - SEMED. Fica localizado na Rua Nova Olinda, s/n, Bairro Santo André; funcionando em um prédio próprio padrão MEC; o imóvel é construído em alvenaria, cobertura tipo laje, telha de barro, dispõe de 04 (quatro) salas de aulas climatizadas com

sanitários, 01 (uma) sala de repouso e banho; 01 (uma) sala da administração como almoxarifado; 01 (uma) sala para os professores climatizada, que foi transformada em Afroteca em 2022; 01 (uma) sala multiuso e informática com depósito climatizada; 01 (uma) copa; 01 (uma) sala de higienização e lactário; 01 (um) depósito; 01 (uma) área coberta; 01 (um) anfiteatro; 01 (um) refeitório; 01 (uma) cozinha com dispensa; 01 (uma) lavanderia; 01 (um) sanitário masculino; 01 (um) sanitário feminino; 01 (um) sanitário adulto PNE: feminino e masculino. O espaço é adequado para receber as crianças de 1 a 5 anos.

O terreno onde o imóvel é construído possui uma área total de 50x90, dispondo de espaço para as brincadeiras ao ar livre, oportunizando aos professores opções de práticas educativas para desenvolverem atividades com as crianças.

No ano de 2024, o Centro Educacional iniciou o ano letivo com 145 alunos devidamente matriculados em oito turmas sendo assim organizadas:

- **02 (duas) turmas integrais:** 01 (uma) turma de Berçário (crianças de 2 anos de idade); 01 (uma) turma de Maternal (crianças de 3 anos)
- **06 (seis) turmas parciais:** 02 (duas) turmas de Maternal (manhã e tarde; crianças de 3 anos); 02 (duas) turmas de Pré I (manhã e tarde; crianças de 4 anos) e 02 (duas) turmas de Pré II (Manhã e tarde; crianças de cinco anos).

Para atendimento das crianças a instituição dispõe de um total de 21 funcionários, dos quais 18 são temporários e apenas 03 efetivos, distribuídos nas seguintes funções: 01 coordenadora com formação em Pedagogia, 01 pedagoga com formação em Pedagogia e especialização em Arte/Educação e Psicopedagogia, 01 secretária, 01 auxiliar administrativa, 4 educadoras alimentares, 2 vigias, 1 ASG, 10 professoras: 01 com Ensino Médio em Magistério, 06 Licenciadas em Pedagogia, sendo 01 com especialização em Dança, 01 em Educação Inclusiva, 01 em Educação Infantil - Anos Iniciais e 01 em Gestão Educacional.

A unidade possui um Conselho Escolar atuante e constituído com 13 membros entre funcionários representantes de pais de comunidade de caráter deliberativo consultivo e normativo, com base na LDB e na Lei Orgânica do

Município de Santarém. Possui um bom relacionamento com a comunidade escolar buscando parcerias e ações a partir de reuniões bimestrais.

O CEMEI Antônia Corrêa e Sousa têm como Visão em seu Projeto Político Pedagógico – PPP: *“ser uma instituição de referência na educação infantil, com qualidade do ensino que ministram, pelo respeito que atendem as crianças, disponibilizando um trabalho coletivo e participativo através de projetos que envolvem a escola, família e comunidade e pela competência dos profissionais da instituição”*. Como Missão, a unidade pretende *“promover ações que contribuem para o desenvolvimento integral da criança e seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social, bem como sua inserção social e formação cidadã através da sua criticidade, criatividade e participação complementando as ações da família e da comunidade”*. Nesse sentido, o principal objetivo do CEMEI é *“promover o desenvolvimento integral da criança, considerando seus conhecimentos e valores culturais em que garanta a ampliação do conhecimento, responsabilidade e formação de auto conceito positivo, contribuindo assim para o exercício da cidadania”*.

A instituição desenvolve projetos permanentes como: “Arte e Cidadania & Educação fiscal” dentro do qual são abrigados vários projetos da instituição, como o projeto “Trabalhando valores”, “Higiene bucal”, “Empoderamento feminino”, “Horta escolar”, “Alimentação saudável”, “Meio ambiente e reciclagem” e “Consciência Negra”.

O Projeto Kiriku é desenvolvido na Unidade desde o ano de 2022. A presença do projeto na unidade é resultado de ações de formação de professores iniciadas no CEMEI em 2020 sobre Educação Antirracista. É a partir deste Projeto Kiriki que foi implementada uma Afroteca no CEMEI Antônia Corrêa de Sousa. Outrossim, apesar da Unidade de Ensino já possuir uma Afroteca, esta tecnologia ainda não consta na estrutura do PPP, pois ainda está em construção a escrita do novo documento.

4- A AFROTECA SANKOFA

Figura 3: Afroteca Sankofa



Fonte: Arquivo do Projeto Kiriku

De acordo com França (*et. al*, 2024), o símbolo adinkra Sankofa é um ideograma que exprime provérbios, ideias, princípios éticos, valores culturais e ensinamentos da escrita filosófica dos povos Akans que habitam atualmente Gana, Togo e Costa do Marfim. Este símbolo é representado por um pássaro voando para frente com o olhar atento e terno voltado para trás buscando uma “semente” em um movimento circular no sentido precioso de reverenciar, ressignificar e aprender com o passado. E foi justamente pensando esta perspectiva afrocêntrica que nasceu a Afroteca Sankofa, reconhecendo o valor de voltar ao passado e buscar os ensinamentos, valores, experiências, conhecimentos dos povos africanos, afro-diaspóricos e afro-amazônicos com o propósito de semear o presente para florescer no futuro.

Neste exercício ancestral do sankofar, o Projeto Kiriku tem revestido um terreiro de possibilidades e acessos às crianças, famílias, escolas, universidades e comunidade em geral no sentido de promover uma vida mais feliz, justa e acolhedora a partir do processo de construção contínua de uma Educação Infantil Afrocentrada e Antirracista desde a primeira infância. Diante disso, no dia 25 de novembro de 2022 o CEMEI Antônia Corrêa e Sousa em parceria com o Projeto Kiriku inaugurou a Afroteca Sankofa, que ficou instalada na sala dos professores. Foram meses de estudo, pesquisa, encontros, desencontros, visando o planejamento deste processo de construção e continuará sendo, pois o pássaro Sankofa movimenta-se na circularidade ancestral permanente de oferecer um ambiente afetoso, representativo, acolhedor onde as crianças e as famílias, em

especial às negras, indígenas, quilombolas, periféricas, possam se sentir mais felizes brincando, aprendendo e experimentando o bem viver individual e coletivo.

Deste modo, com o propósito de potencializar os estímulos e as capacidades no processo de desenvolvimento de ensino-aprendizagem das crianças e combater todas as formas de preconceito e racismo desde a primeira infância, a Afroteca Sankofa oferece um acervo constituído de: 40 livros infantis afrocentrados e antirracistas de Literaturas Africanas, de Temática Negra, Indígena e Quilombola; kit de Jogos, brinquedos, quiet books que correspondem (Afro Cubo Sensorial, Afro Box, Jogo da Velha Baobá, Quiet book afro baobá, Quiet book afro Sankofa, Quebra-cabeça pele preta, Dominó Afro, Jogo da memória afro, Jogo Shisima, Baobá das vogais); 12 bonecas de pano preto; kit de Instrumentos musicais africanos e afro-brasileiros: (pandeiro, caxixi, afoxé, maraca, kit de tambores pequenos, reco-reco, berimbau, ganzá, kabuletê, agogô), Casinhas de bonecas - modelo em cubatas e malocas - inspiradas no filme Kiriku e a Feiticeira e nas casas tradicionais indígenas, uma maneira de aproximar diálogos entre África e Amazônia; A trilogia do Filme *Kiriku e a Feiticeira*; Rackes personalizados de acordo com o acervo literário.

Figura 4: livros da Afroteca



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 5: brinquedos da Afroteca



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 6: bonecas da Afroteca



Fonte: Acervo pessoal do autor

A Afroteca Sankofa é um ambiente em perspectiva afrocentrada de acolhimento, conhecimento, aprendizado, afetos, de escuta, de retorno à ancestralidade, pesquisa, estudo especialmente para acolher as crianças negadas ao direito de brincar e aprender. Portanto, para além da implementação da Lei 10639/03 e 11.645/08 é imprescindível o acesso a um espaço como este pensado, cuidadosamente, para as crianças e famílias negras, periféricas, indígenas, quilombolas, de terreiros e povos da floresta os quais historicamente são negados e desterritorializados em todos os sentidos e a existência de uma Afroteca, representa acima de tudo o respeito à vida, à educação, à cidadania e a humanidade dessas pessoas. Sankofa para acolher, educar, brincar e aprender!

Figura 7: Roda de leitura e brincadeiras



Foto: Acervo Pessoal do autor

Figura 8: Crianças lendo



Fonte: Acervo pessoal do autor

Agora que já conhecemos onde realizei minha pesquisa, vamos para o terceiro capítulo, que é a realização da minha pesquisa de campo, no CEMEI Antônia Corrêa e Sousa, dentro da sala da Afroteca Sankofa, com tudo que observei, presenciei, interagir e participei. E vamos lá.

5- PESQUISA DE CAMPO - OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NO CEMEI ANTÔNIA CORRÊA E SOUSA - SALA DA AFROTECA SANKOFA

Neste capítulo, apresentarei minha pesquisa de campo realizada no CEMEI Antônia Corrêa e Sousa, Afroteca Sankofa, considerando o método da “observação participante”, que segundo, Marques (2016):

(...) é uma pesquisa para coletar dados em campo. No caso de pesquisas ligadas à educação, defendemos que esse instrumental pode ser utilizado com efetividade, implica na interação com o sujeito e os grupos pesquisados, isso não necessariamente compromete a “neutralidade” da

pesquisa. O pesquisador deve incansavelmente buscar articular teoria e prática, não significa transformar-se no pesquisado, mas sim tentar colocar-se no lugar do outro, no seu ambiente social, buscando apreender a imponderabilidade da vida real (2016, p. 283)

Nesta parte descrevo o que observei, presenciei, interagi e participei junto com as Coordenadora, Pedagoga, professoras e as crianças. O objetivo do trabalho de campo foi observar como está sendo utilizada a sala da Afroteca Sankofa; Como as crianças interagem com os materiais da Afroteca; Como os professores planejam as atividades desenvolvidas na Afroteca; As famílias das crianças conhecem e visitam a Afroteca; E a comunidade escolar em torno do CEMEI, conhecem e visitam a Afroteca; O que mudou no CEMEI, com todos os funcionários, crianças, famílias e comunidade em geral após a implementação da Afroteca Sankofa.

A partir dessas minhas indagações, fiz um cronograma da minha pesquisa no CEMEI e na sala da Afroteca com a intenção de realizar um período de observação, participação e intervenção. Também pretendi realizar atividades que contribuíssem com a socialização, interação e o respeito mútuo, privilegiando as diferenças e reforçando os laços de afeto e respeito entre os alunos, professores e famílias.

Era também meu desejo identificar se às crianças da CEMEI Antônia Corrêa e Sousa tem liberdade de expressar suas ideias, desejos e sentimentos e se havia intervenção quando ocorre qualquer tipo de conflitos ou formas de racismo, preconceito ou discriminação entre as crianças, por parte dos professores, coordenação pedagógica e gestão do CEMEI.

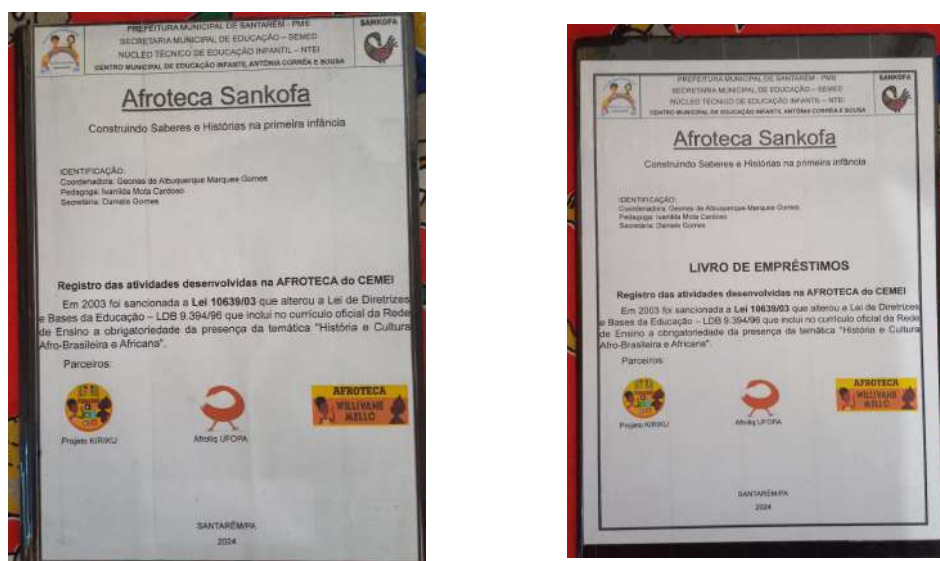
Assim, minha meta de pesquisa era observar, participar, interagir para avaliar o desenvolvimento de atividades na Afroteca Sankofa e refletir sobre como elas estavam sendo desenvolvidas, e se havia aprendizagem significativa que contribuisse para desconstruir qualquer tipo de racismo, preconceitos e discriminação que possa existir entre as crianças.

5.1 Conhecendo a Afroteca Sankofa e Parcerias

Iniciei minha pesquisa de campo no mês de agosto de 2023. O CEMEI estava com uma Coordenadora Interina: Ivanilda Cardoso, pois a Coordenadora Geones Marques estava de Licença Maternidade. A Afroteca Sankofa está instalada em uma sala bem em frente ao refeitório e a cozinha do CEMEI, na sala dos professores, que foi cedida para a Afroteca. É uma sala pequena para desenvolver atividades com mais de 15 (quinze) crianças.

Na Afroteca Sankofa, havia um acervo constituído de: 40 livros infantis afrocentrados e antirracistas de Literaturas Africanas, de Temática Negra, Indígena e Quilombola; kit de Jogos, brinquedos, quiet books que correspondem (Afro Cubo Sensorial, Afro Box, Jogo da Velha Baobá, Quiet book afro baobá, Quiet book afro Sankofa, Quebra-cabeça pele preta, Dominó Afro, Jogo da memória afro, Jogo Shisima, Baobá das vogais); 12 (doze) bonecas de pano preto; kit de Instrumentos musicais africanos e afro-brasileiros: (pandeiro, caxixi, afoxé, maraca, kit de tambores pequenos, reco-reco, berimbau, ganzá, kabuletê, agogô); 04 (quatro) livreiras; Casinhas de bonecas - modelo em cubatas e malocas; A trilogia do Filme Kiriku e a Feiticeira; Racks personalizados de acordo com o acervo literário. Atualmente este acervo encontra-se reduzido por conta do uso feito pelas crianças: livros rasgados, jogos pedagógicos faltando peças, instrumentos musicais quebrados. O professor Luiz Fernando, coordenador do Projeto Kiriku nas avaliações sobre a necessidade de reposição do acervo, diz “que não necessariamente isso pode ser considerado mau uso e sim resultado o uso feito pelas crianças da creche, e que é natural que os materiais se estraguem com o tempo”.

Figura 9: Caderno de empréstimos de materiais e de registros de atividades da Afroteca Sankofa



Fonte: Acervo pessoal do autor

No início da minha pesquisa contei muito com o apoio e aprendizado da Professora Beatriz Oliveira, que realizava um trabalho de itinerância nas Afrotecas: Amoras, Sankofa e Lelê, nos respectivos CEMEIs Paulo Freire, Antônio Corrêa e Sousa e Maria Raimunda Pereira e Sousa. Este trabalho era realizado uma semana em cada Afroteca sempre na parte da tarde. Na semana que contava com sua presença pude aprender mais sobre o acervo da Afroteca, sobre as temáticas dos livros, conhecer os nomes dos instrumentos musicais, atividades que poderíamos desenvolver utilizando os materiais da afroteca. Na maioria das vezes contribui no planejamento das professoras e ajudei no desenvolvimento das atividades na sala da Afroteca, pois boa parte das professoras desconhecia os nomes dos instrumentos musicais, nome dos jogos pedagógicos e principalmente não conheciam e não liam as literaturas do acervo da Afroteca, apesar de ter a possibilidade de empréstimos dos livros da afroteca, mas este recurso era pouquíssimo utilizado pelas professoras, o que era constantemente cobrado pela Coordenação e Pedagoga do CEMEI, uma vez que existe na Afroteca Sankofa livros para “Registro das atividades e Empréstimos de livros e materiais” para que as professoras possam trabalhar na sala de aula. Esses livros de Registros foram desenvolvidos e organizados pela professora Beatriz, que os levou para as outras Afrotecas, tanto dos CEMEIs, como para a Afroteca Willivane Melo. Este não

conhecimento do acervo dos materiais existente na Afroteca Sankofa dificultava o entendimento das professoras para promoção de uma educação antirracista e no planejamento das atividades a serem realizadas.

Havia um cronograma para cada dia, com os horários e turmas que deveriam utilizar a sala da Afroteca, e isso deixava as professoras muito desesperadas, sem saber como utilizar os materiais da afroteca nas suas atividades diárias com suas crianças. Com a professora Beatriz na sua itinerância e depois com minhas visitas para minha pesquisa, as professoras deixavam para fazer suas atividades nos dias em que estávamos no CEMEI, com exceção de algumas professoras que somente nos procuravam para tirar dúvidas e ajudá-las no planejamento de suas atividades para ser desenvolvido na sala da Afroteca.

Figura 10: Cronograma de visitas

CEMEI ANTÔNIA CORRÊA E SOUSA
CRONOGRAMA DA AFROTECA 2024
Início: a partir do dia 19 de fevereiro

AFROTECA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM: o que podemos aprender na Afroteca?
Existimos para promover uma educação transformadora, tendo a equidade e a inclusão como estratégias para reduzir as desigualdades sociais. Nosso trabalho educativo vai além das crianças que atendemos. Ele se estende às famílias, comunidades, a nossa equipe e as instituições existentes no bairro. Queremos viver, no dia a dia, o que ensinamos: Reconhece a diversidade presente em sala de aula e a importância da convivência pacífica frente às diferenças, visando a construção de uma postura de tolerância e respeito ao outro; Compreender a formação da sociedade brasileira a partir da miscigenação de diferentes povos; Reconhecer as diferenças físicas e culturais entre os colegas como resultado de uma sociedade multicultural; Promover o autoconhecimento e valorização das crianças; Contribuir para as formações de futuros cidadãos sensíveis ao racismo, capazes de defender e garantir direitos de igualdade racial. Lei 10639/03 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática: Ensinar História e Cultura Afro-brasileiras e africanas não é mais uma questão de vontade pessoal e de interesse particular. É uma questão curricular de caráter obrigatório que envolve as diferentes comunidades: Escola, familiar e sociedade.

Turmas - MANHÃ	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
BERÇÁRIO II		X			
MATERNAL I A			X		
MATERNAL II A	X				
PRÉ I A	X				
PRÉ II A			X		
Turmas - TARDE	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
BERÇÁRIO II					X
MATERNAL I A				X	
MATERNAL II B		X			
PRÉ I B					X
PRÉ II B				X	

Obs: Essa atividade precisa estar no seu plano de aula

Fonte: Acervo pessoal do autor

Também contei muito com o apoio e muitas conversas proveitosas, com o Ranney, um faz de tudo do CEMEI e que cuida com muito carinho, afeto, amor, zelo e cuidado da Afroteca Sankofa. Assim como também da Pedagoga Ivanilda Cardoso, que estava no Cargo de Coordenadora Interina, e que muito me ajudou no desenvolvimento da minha pesquisa e nas “cobranças” para que as professoras levassem suas turmas nos dias e horários estabelecidos no cronograma.

Nas segundas-feiras não ocorriam visitas na sala da afroteca, apesar de estar no cronograma, pois nas segundas ocorriam uma atividade na área do CEMEI para

rezar, cantar e dançar, uma forma de dar boas-vindas à mais uma semana que se inicia e isso tomava o horário da turma que visitaria a Afroteca.

Foi realizada na sala da Afroteca Sankofa uma Oficina de confecção de bonecas ABAYOMI, para as famílias das crianças do CEMEI, que foi ministrada por mim, Cleudete e a Professora Beatriz Oliveira. Fizemos uma exposição sobre a origem e história da boneca Abayomi, utilizando slides e após este momento passamos para ensinar como eram as estampas de confecção da boneca, que não é costurada e sim amarrada com nós bem apertados e tecidos para fazer as roupas. A origem do nome Abayomi, que significa **ABAY** – “**encontro**” e **OMI** – “**precioso**”, então quer dizer um “**encontro precioso**”, ou seja, aquele que traz felicidade e alegria. A oficina contou com a participação de 8 (oito) pessoas: 2 (duas) professores da Escola Joaquim Cavalcante Maia, 3 (três) mães, 1 (uma) avó. A Coordenadora Interina Ivanilda Cardoso, e 1 (uma) irmã de um aluno do CEMEI. Foram confeccionadas bastantes ABAYOMIS, todas as participantes quiseram fazer para dar de presente para algum familiar ou amigo.

Figura 11: Oficina de confecção de ABAYOMI



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 12: Mães confeccionando as ABAYOMI



Fonte: Acervo Pessoal do autor

5.2 - Escuta da Família

Apesar desses desafios, as crianças que visitaram e conheceram a Afroteca Sankofa, levaram suas experiências e novidades para suas casas, pois tivemos mães que procuraram o CEMEI para saber o que era Afroteca, e se podiam conhecer e visitar. Na Afroteca puderam vivenciar as experiências que seus filhos experimentaram, e as mães ficaram maravilhadas com tudo que viram, tocaram e ouviram. Um detalhe importante: essas mães eram todas negras e seus filhos já haviam vivenciado episódios de racismo em sua própria casa.

Teve uma mãe que relatou que tem 3 (três) filhos de pais diferentes: uma filha mais velha “ morena” como a mãe falou, um menino branco e a filha caçula branca, e por esse motivo, sua filha caçula e branca fala em casa que somente o menino (branco) é seu irmão, pois têm sua cor. Com isso, a filha mais velha está se sentindo desprezada pela irmã caçula. A mãe está muito preocupada com as atitudes preconceituosas da filha, pois a mãe é preta e se sente atingida também pelas falas da filha, que já conversou e não obteve resultados positivos, e que ama os três filhos da mesma forma e esta situação está prejudicando a convivência familiar e de irmãos.

A mãe relatou que participou da Inauguração do CEMEI e da Afroteca Sankofa, que a sua filha caçula é aluna do CEMEI e que a mesma já conheceu e visitou a Afroteca, e foi logo contar para sua mãe, sobre a Afroteca, que pensou que poderia ajudar neste conflito familiar e que veio saber se poderia trazer seus filhos para conhecer a Afroteca, pois o racismo se dava pela cor de pele. Nesta ocasião, estávamos eu e a professora Beatriz, que dialogamos com a mãe.

Primeiro a professora Beatriz explicou para a mãe que não se utiliza mais a palavra “morena” e sim negra ou preta; explicamos o que é a Afroteca, interagimos com a criança caçula e emprestamos o Livro *Minha Pele*, que conta a história de duas irmãs de tonalidades de peles diferentes.

Pedimos que a mãe lesse o livro para todos da família. A mãe afirmou que o pai da filha caçula é branco, mas que não apoia as atitudes da filha e que em muitas ocasiões a repreende. Marcamos a visita da mãe e seus filhos para conhecer e visitar a Afroteca e para que pudéssemos realizar um acolhimento com a família. Somente o pai não pode comparecer por motivo de trabalho, mas o acolhimento ocorreu e fiz a leitura do livro *Sulwe* e conversamos. Foi uma tarde bem proveitosa e de muitas lágrimas e risos, como a filha caçula estuda no CEMEI pude interagir bem com ela e dialogamos com a professora da criança para que realizasse atividades que fortalecesse a identidade das crianças e valorizassem as diferenças e sua auto estima.

A mãe relatou após algumas semanas que o clima em casa estava mais leve e afetuoso, e que agradecia muito ao CEMEI e ao Projeto Kiriku pela Afroteca Sankofa, sem ela, não saberia como agir e intervir nas atitudes e falas de sua filha com sua irmã. Neste episódio, podemos destacar como foi fundamental a existência da Afroteca para ajudar esta família e principalmente restabelecer o amor, afeto, união e convivência familiar entre os irmãos.

E o quanto é importante que tenha uma pessoa diariamente na Afroteca para ajudar a todos que ali forem, não somente os professores, mas com a comunidade em geral em torno do CEMEI.

Figura 13: Equipe de acolhimento e família na Afroteca



Fonte: Acervo pessoal do autor

5.3 - Prática dos Professores

Neste sentido de respeito, afeto, cordialidade e aceitação das diferenças, tivemos muitas demandas das professoras para ajudá-las a desenvolver atividades que contemplasse essas temáticas, utilizamos bastante o Livro: *Abraço pra lá, abraços para cá!*, da autora Sônia Rosa, que fala de carinho, gentileza, amor e cuidados de vó, de afeto e abraços: nos pais, professoras e colegas da escola. E finalizamos as visitas com a música: “Bamboleio - Música do Abraço”:

Levantar o braço
 Levantar o outro
 Fazer bamboleio
 E mexer o pescoço
 Olhar para o teto
 Olhar pro sapato
 Escolher um amigo
 E dar um abraço.

Letra e Musica: Laura Cristina

Figura 14: Livro “Abraços pra lá e pra cá”



Fonte: Acervo Afroteca Sankofa

No CEMEI, têm professoras que se esforçam para incluir em seus planos de aula e atividade diárias voltadas para a educação antirracista. Na foto abaixo, estávamos na sala do Pré II vespertino, da professora Débora Quintino realizando uma atividade para conhecer o por que o nome da afroteca era Sankofa? O que era Sankofa? A professora me pediu ajuda e fomos realizar a atividade. As crianças amaram saber que Sankofa era um pássaro e um Adinkra africano, fizemos o contorno na cartolina e eles foram pintar na cor da Sankofa. Cada criança pintou uma parte da Sankofa, foi uma atividade realizada em conjunto e por todos e muito disputada por todos, que faziam questão de deixar sua pintura na Sankofa.

Figura 15: Atividade do nome Afroteca Sankofa



Fonte: Acervo pessoal do autor

E o resultado final, foi este da foto. Agora todos sabiam porque o nome da afroteca é Sankofa, e eles amaram conhecer a história do nome e poder ver como é o pássaro Sankofa. Esta atividade foi finalizada dentro da sala da afroteca. As crianças puderam conhecer e tocar no pássaro Sankofa, que se encontra em seu ninho da sala (ver foto).

Figura 16: Resultado da atividade



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 17: Pássaro Sankofa da Afroteca



Fonte: Acervo Pessoal do autor

A professora Debora Quintino da turma de Pré II levou as crianças a Afroteca Sankofa, para iniciar uma atividade de leitura utilizando o livro *Bucala*, do autor Davi Nunes, que conta a história de uma menina negra, princesa do Quilombo de Cabula, do nordeste brasileiro, que luta pelo seu território, para conservação das matas, florestas, rios, lagos, animais; essa resistência é contra desmatadores, caçadores,

fazendeiros, garimpeiros e grileiros de terras. Apesar de ser uma menina, a personagem já possui o senso de justiça e de luta. As crianças amaram o livro por saber que temos uma heroína brasileira e assim como as imagens que só por si só contam a história.

Figura 18: Leitura do livro: Bucala



Fonte: Acervo Pessoal do autor

5.4 - Diálogos com a Gestão e Formação Continuada

Com o intuito que todas as professoras do CEMEI pudessem ter o conhecimento dos materiais da afroteca Sankofa, de como pesquisar, planejar e desenvolver suas atividades em sala de aula, utilizando os materiais da afroteca, foi realizada uma tarde de formação continuada (ver foto) com todos os funcionários, sendo ministrada pelo AFROLIQ e Projeto Kiriku, tendo como principal expositor o professor e coordenador Luiz Fernando de França, que contextualizou a trajetória do Projeto Kiriku até na instalação da afroteca Sankofa e de como foi pensado sua utilização. O docente destacou que estas formações ocorrem por haver uma grande rotatividade de professores no CEMEI. Nesta época apenas uma professora era concursada, o restante eram temporários, e por isso o Projeto Kiriku tem que fazer novamente essa formação continuada. Essa realidade ocorre em todos os CEMEIs onde estão as afrotecas.

Foram feitas exposições de atividades utilizando livros, jogos, bonecas e instrumentos musicais que podem ser incorporados no plano de aula em conjunto as atividades desenvolvidas diariamente pelas professoras, e principalmente, todos dos CEMEIs precisam conhecer os materiais existentes nas Afrotecas, desde o porteiro até a cozinha, pois todos lidam de alguma forma com as crianças e suas famílias.

Na ocasião desta formação, estava ocorrendo no CEMEI a “Semana do Brincar”, em comemoração do dia das crianças, e tinha muitos cartazes, banners e fotos de crianças nas paredes do CEMEI e não havia nenhuma criança negra, nos cartazes e fotos espalhadas pelas paredes.

O professor Luiz Fernando, fez duas perguntas: “No CEMEI não tem crianças negras ou indígenas? Cadê a diversidade étnico-racial nessas imagens de crianças expostas nas paredes? Foi uma cobrança bem incisiva, pois há uma afroteca na instituição, e este tipo de visualidade precisa contemplar toda a diversidade étnico racial existente no CEMEI, onde as crianças negras e indígenas ou portadores de deficiência vão se enxergar e se sentir representadas. Este trabalho com a educação antirracista precisa ter início do portão até o final da instituição e não somente na sala da Afroteca Sankofa, ou seja, entre as quatro paredes.

Foi dado para cada professora do CEMEI, uma tarefa de um roteiro de atividade para ser planejado e desenvolvido com algum material da afroteca

Sankofa, para ser compartilhado e analisado pelos integrantes do AFROLIQ que estavam presente nesta formação, que seria uma contribuição para que elas pudessem se fortalecer na hora dos planejamentos futuros.

Nesta formação estavam presente e contribuíram muito, as professoras Lucidalva da Silva, do CEMEI Maria Raimunda Pereira e Sousa e da afroteca Lelê, Leila Jane, do CEMEI Paulo Freire e da afroteca Amoras, e Beatriz Oliveira, nesta época, do CEMEI Maria Raimunda Pereira e Sousa e da afroteca Lelê, que muito contribuíram com suas experiências e vivências em sala de aula trabalhando com a educação antirracista.

Figura 19: Formação do CEMEI Antônio Corrêa e Sousa



Fonte: Acervo pessoal do autor

Na ocasião, o professor Luiz Fernando fez a contação da história do livro: *Mandisa e a Vovó Alegria*, na qual demonstrou que com apenas um livro podemos trabalhar sobre várias temáticas e assuntos. O livro fala de uma família, onde os pais saem para trabalhar e a Mandisa fica aos cuidados de sua vó, coisas que

acontecem em muitas famílias do próprio CEMEI, seu pai um dia chega do trabalho com cachorro de presente para Mandisa, e ela coloca o nome de Guiné, nome também de uma planta de origem africana, mas que também temos em nossa região com o nome de “Mucuracaá”. Quando Mandisa vai para a escola, Guiné acompanha seu pai à praça, pois ele vende algodão doce. Um dia, ao retornar para casa, do trabalho, chega sem Guiné, pois este havia desaparecido. Isto deixa Mandisa profundamente triste, seus pais tentam de tudo para animar a filha, chama suas amigas para uma tarde de lanche, fazem sua festa de aniversário e nada tira a tristeza de Madisa. Então sua Avó, lhe dá de presente uma caixa, que todas as vovós possuem, e lhe apresenta tudo que há dentro dela, inclusive uma capa mágica, e tinta, e vovô Alegria fez uma pintura africana e disse a neta: toda vez que você se sentir triste, coloque a capa e tudo de ruim vai desaparecer como num passe de mágica e assim a neta fez e toda aquela tristeza foi embora e Madisa voltou ser a menina alegre e sorridente. Para esta contação de história foi confeccionado a caixa da vovó Alegria com todos os itens que continham dentro dela; um cachorro de pelúcia parecido com o Guiné do livro; a planta Guiné, ou Mucuracá para nós aqui da região. Como essa produção, a equipe demonstrou que é possível e realizável o trabalho com uma educação antirracista com todas as faixas etárias da Educação Infantil e com todo público que visita as afrotecas. Para encerrar a tarde de formação, o professor Luiz Fernando lançou o convite que todos do CEMEI participassem de uma oficina de musicalização e conhecimento dos instrumentos das afrotecas, que seria na afroteca Willivane Melo, ministrado pelo Professor, percussionista e mestre de Capoeira Silvert Gregório.

Figura 20: Livro Mandisa e a Vovó Alegria

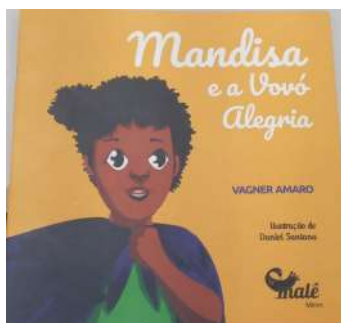


Figura 21: Caixa da vovó Alegria



Fonte: Acervo pessoal do autor

Após o término de sua Licença Maternidade, a professora Geones Marques retornou ao seu cargo de Coordenadora do CEMEI Antônia Corrêa e Sousa, e recebeu o convite para conhecer e participar da Semana dos Povos Indígenas, que o CEMEI Indígena Professora Marilda Vasconcelos, na Vila Balneária de Alter do Chão estariam promovendo. Fui convidada pela Coordenadora e pela Pedagoga Ivanilda Cardoso para acompanhar e participar desta visita. Aceitei o convite e foi um aprendizado a mais na minha vida pessoal e acadêmica. Teve stands de frutas e verduras; comidas típicas; instrumentos musicais; artesanato em barro, madeira, palhas, sementes, cuias, abanos, plantas medicinais e pinturas dos grafismos indígenas, com exposições dos grafismos e seu povo pertencente.

Figura 22: Visita ao CEMEI Borari de Alter do Chão



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Tive a honra de ser convidada para participar e compor a mesa de convidados em comemoração dos 06 (seis) anos do CEMEI Antônia Corrêa e Sousa, (inaugurado no dia 26 de junho de 2018), como integrante e pesquisadora do AFROLIQ e do Projeto Kiriku. Fiquei muito feliz em aceitar e participar; na mesa também estavam um odontólogo que tem um projeto no CEMEI; representante da SEMED, presidente da Associação de Moradores do Bairro Santo André e a filha da Dona Antônia Corrêa e Sousa, que dá nome ao CEMEI.

Figura 23: Aniversário do CEMEI Antônia Corrêa e Sousa



Foto do Acervo Pessoal do autor

Durante alguns meses, fui Bolsista pelo Projeto Kiriku, na Afroteca Willivane Melo e tive a honra e o privilégio de fazer um acolhimento de turma de Berçário e Maternal das professoras Elivane Dias e Rosângela Batista do CEMEI Antônia Corrêa e Sousa, fuma visita mais que especial e gratificante.

Figura 24: Visita a turma de Berçário e Maternal na Afroteca Willivane Melo



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Para encerrar a comemoração do primeiro ano de implementação da afroteca Sankofa, o CEMEI Antônia Corrêa e Sousa realizou um evento para festejar esta data tão importante e marcante para a promoção de uma Educação Antirracista na primeira infância. O CEMEI estava todo decorado e lindo, com objetos e temas afro-brasileiro, afro-amazônico e africano, tudo muito belo e caprichoso. Eu, Cleudete e a professora Beatriz fomos as Mestres de Cerimônia do evento, e tivemos como convidados como o Prof. Dr. Ivan Gomes - ICED- UFOPA (Instituto de Ciências da Educação); Profa. Dra. Ediene Pena - Pró-Reitora da Comunidade, Cultura e Educação - PROCCE/UFOPA; Professora Socorro Bendelack - SEDUC/PA (Secretaria de Educação do Pará); Presidente da Associação do Bairro Santo André; SEMED 9 Secretaria de Educação de Santarém); Prof. Dr. Luiz Fernando (AFROLIQ e do Projeto Kiriku); e a Coordenadora Geonilce do CEMEI Paulo Freire e da afroteca Amoras; Coordenadora Janice do CEMEI Maria Raimunda Pereira e Sousa e da afroteca Lelê. Houve apresentações das crianças, depoimentos de mães que encontraram na afroteca Sankofa o apoio, base, estrutura e resistência para se manter forte ao combate ao racismo, preconceito e discriminação com seus filhos. E para finalizar foi cantado os Parabéns e foi oferecido um delicioso e saboroso almoço a todos presentes no evento.

Figura 25: Folheto do primeiro aniversário da Afroteca Sankofa



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 26: Comemoração do primeiro aniversário da Afroteca Sankofa



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 27: Presente do Projeto Kiriku para a afroteca Sankofa a entrega foi feita pelo Coordenador Prof. Dr. Luiz Fernando.



Fonte: Acervo Pessoal do autor

5.5 - Trabalhos Pós-Formação

A professora Rosângela Batista, do Berçário I matutino, é uma das docentes que há bastante tempo já desenvolve atividades com suas crianças na perspectiva antirracista e afrocentrada, com atividades muito lúdicas e participativas das crianças e suas famílias. Infelizmente não pude realizar minha pesquisa no horário de seu trabalho, pois é matutino, e neste horário estava em aula na Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. Como se nota na foto, providenciou uma linda decoração para a porta de sua sala. A Formação começou a provocar viradas de chaves para colocar em prática o que foi demonstrado, como podemos ver.

Figura 28: Porta da turma de Berçário



Fonte: Acervo Profa. Rosângela Batista

A Professora Vilma Oliveira, da turma de Pré I, levou suas crianças para a sala da afroteca para assistir o filme *Kiriku e a Feiticeira*. Primeiramente falamos sobre o Projeto que leva o nome do protagonista do filme e apresentamos o boneco do Kiriku. Na sequência, fizemos questionamentos sobre o filme. Teve pipoca e suco para todos.

Figura 29: Turma do Pré I assistindo filme do Kiriku e a Feiticeira



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Também realizei com a professora Maria da Conceição (Conce) da turma de Pré II, uma atividade que trabalhamos com o livro *Cabelo de Lele*. A atividade teve início na sala da afroteca Sankofa, com a apresentação do livro, fizemos a contação da história, onde apresentamos perguntas para as crianças sobre a livro e elas interagiram bastante, apontando para seus cabelos e demonstrando que eram parecidos com os cabelos da história, ou falavam dos cabelos de suas mães, avós, tias e irmãs. Compreenderam que têm cabelos diferentes e isso as torna muito especiais e lindas. As crianças retornaram para sala de aula para desenvolver a atividade pedagógica e de entendimento da história do livro.

Figura 30: Leitura do livro: Cabelo de Lele



Fonte: Acervo pessoal do autor

Em sala de aula realizaram a atividade pedagógica e de entendimento da história do livro: um desenho da cabeça e rosto de uma criança, onde cada criança iria desenhar seus olhos, nariz, boca e orelhas, pintar e fazer colagem de fios de lã na cabeça para formar os cabelos; tinha fios de lã de todas as cores, mas o primeiro que terminou foi o da cor preta, depois o marrom, não teve cabelos de outras cores.

E este foi o resultado da atividade desenvolvida com as crianças do Pré II da Professora Conce: um painel com suas atividades com os tons de cores e os formatos e tamanhos, volumes e penteados de cada cabelo, uma criatividade surpreendente.

Figura 31: Atividade sobre o livro: Cabelo de Lelê



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 32: Resultado da atividade do livro: Cabelo de Lele



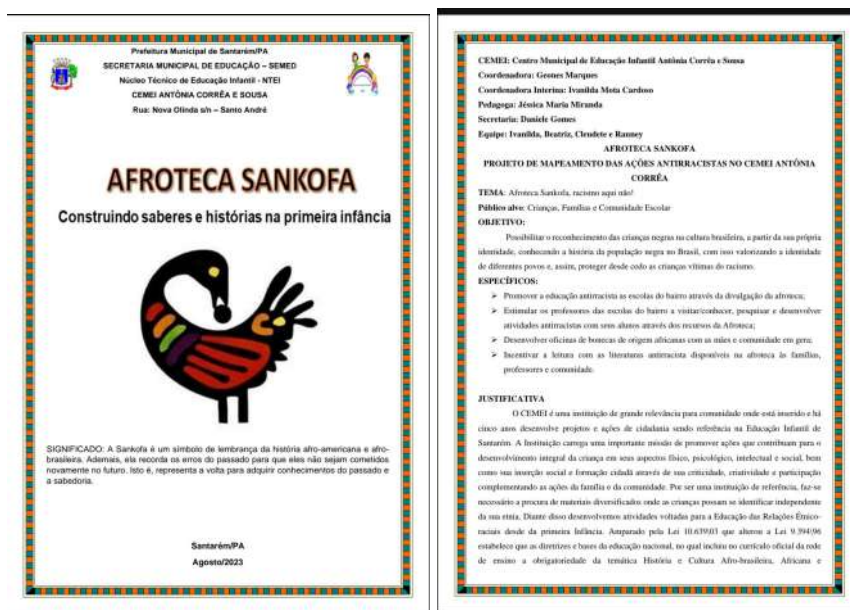
Fonte: Acervo Pessoal do autor

5.6 - Projeto Afroteca Sankofa: Construindo saberes e histórias na primeira infância

Em parceria com a Coordenadora do CEMEI, na época, professora Ivanilda Cardoso, eu, Cleudete, professora Beatriz e o servidor de apoio Ranney Colares pensamos, escrevemos e desenvolvemos um Projeto para divulgação da afroteca Sankofa para as famílias das crianças do CEMEI e bairro com o objetivo de realizar parcerias com as escolas existentes no Bairro Santo André, que seria a Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Cavalcante Maia e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Santo André, que teria como objetivo geral apresentar e convidar para conhecer a afroteca Sankofa e desenvolver atividades de acolhimento para que todos do bairro pudessem usufruir desta tecnologia educacional antirracista. Em setembro/2023, eu, Cleudete Altênis, professora Beatriz Nascimento e a Coordenadora Ivanilda Cardoso, com o Projeto pronto, marcamos uma reunião com a Pedagoga da Escola Joaquim Cavalcante Maia, a senhora Vanda, onde fizemos uma breve exposição sobre o AFROLIQ, Projeto Kiriku e afroteca e a parceria que gostaríamos de estabelecer com a escola. A aceitação do projeto foi excelente, ficou acertado que a pedagoga iria comunicar para a direção da escola e marcaria uma data para fazermos a exposição para todos os funcionários da escola.

Também realizamos nossa visita a Escola Santo André, para apresentação do Projeto fomos recebidos pelo Diretor da Escola, o senhor Fernando e pela Vice diretora, a senhora Elda, onde, também, fizemos uma breve exposição sobre o AFROLIQ, Projeto Kiriku e afroteca e a parceria que gostaríamos de estabelecer com a escola. A direção da escola ficou bem animada com a parceria e já marcamos uma data para fazer a exposição sobre a afroteca para todos os funcionários da escola e que iríamos convidar o Coordenador do Projeto Kitriku para participar desta reunião e que traríamos materiais da afroteca Sankofa para que a escola conhecesse um pouco do acervo existente na afroteca e de como trabalhar a educação antirracista fazendo uso desses materiais.

Figura 33: Projeto desenvolvido durante minha pesquisa no CEMEI Antônia Correa e Sousa



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 34: Exposição do Projeto na Escola Joaquim Cavalcante Maia



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 35: Exposição do Projeto na Escola Santo André.



Fonte: Acervo Pessoal do autor

5.7 - Escuta das Crianças

Realizamos muitos acolhimentos que deixamos as crianças livres para perguntar e falar. E falaram e perguntaram muito. Elas gostam quando prestamos atenção em suas indagações e as deixamos falar, expressar, mas sempre sobre um material da Afroteca, como os livros. Cada criança pegava um livro e fazia sua pergunta, ou sobre instrumentos musicais, bonecas e a cada acolhimento para escutas das crianças escolhemos um material da Afroteca para conversarmos. Essas atividades são sempre muito divertidas e espontâneas.

Figura 36: Escuta das crianças



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 37: Escuta das crianças



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Nesta foto abaixo, está a Maises, que neste dia de acolhimento de escuta das crianças da sua turma de Pré II, sobre os livros, ela pegou o livro da *Bucala* e me disse: “Professora, EU SOU A BUCALA!!!”. E esta fala está no tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). É a importância da criança se sentir representada e se vê naquele livro, bonecas e no ambiente escolar.

Figura 38: “Eu sou a Bucala”



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 39: Livro e Mascote da BUCALA



Fonte: Acervo Ranney Colares

Esta foi minha experiência enquanto pesquisadora e observadora participante na Afroteca Sankofa. Como é possível observar, na descrição da minha atividade de campo trago questões que caracterizam a presença da Afroteca no CEMEI Antônia. E essa descrição para muito sobre os problemas enfrentados e, sobretudo sobre os desafios que precisamos continuar enfrentando para promover uma educação infantil antirracista.

Nas considerações finais deste apresento algumas reflexões sobre a importância da Afroteca e sobre nossos desafios.

6 – REFLEXÕES FINAIS

Durante o período de Agosto/2023 à Junho/2024 pude observar, presenciar, participar e interagir com a Coordenação do CEMEI, com a Pedagoga, com os professores, equipe de limpeza, equipe de alimentação, famílias e crianças.

Um CEMEI relativamente novo, mas com inúmeros problemas estruturais, com funcionários muitos solícitos e esforçados para atender todos que procuram o CEMEI, uma área externa (quintal) extenso e arborizado, com horta, e plantas medicinais e um pé enorme de Amoras, que as crianças se deliciam com elas, e eu muitas vezes também.

Este CEMEI localizado num bairro periférico e que sofre pelo racismo ambiental pela sua localização e história de surgimento do bairro, que era o antigo Lixão da cidade, denominado de “Buracão do Santo André”, por este motivo até os dias atuais sofre com a falta de infraestrutura, saneamento básico, iluminação pública e tantos outros problemas, que os bairros periféricos sofrem e necessitam.

A Afroteca Sankofa , instalada neste CMEI, foi bem estratégico e benéfico para as crianças que frequentam o CEMEI e assim como para a comunidade em geral em torno da instituição de toda a população de Santarém.

Conforme o andamento de minha pesquisa pude constatar o enorme esforço, cobrança e insistência da Coordenação e Pedagoga para que as professoras incluíssem em seus planos de aulas atividades para serem desenvolvidas na sala da afroteca e utilizando os materiais do seu acervo, ou se não fossem na sala da afroteca que desenvolvessem atividades que utilizassem os materiais da afroteca que poderiam ser utilizados na própria sala de aula, que contemplasse a Educação Antirracista.

Mas as professoras davam a mesma resposta: não sabemos como trabalhar a Educação Antirracista utilizando os materiais da afroteca , mesmo após a Formação Continuada que o AFROLIQ realizou e somente conseguiam realizar as atividades com minha ajuda e da Professora Beatriz, na semana de sua itinerância nas afrotecas, mas infelizmente em 2024 a parceria com a SEMED sobre a Itinerância da professora Beatriz não foi renovada e com isso só podiam contar com a minha ajuda para desenvolver as atividades na afroteca Sankofa. Pelo turno Matutino, tem a professora Rosangela Batista, do Berçário, que vem desenvolvendo

até mesmo antes da instalação da afroteca um trabalho com as crianças na perspectiva de uma Educação Antirracista com as crianças bem pequenas. A Afroteca Sankofa foi a Tecnologia Educacional que faltava para contribuir efetivamente e de modo concreto trabalhar com as crianças.

Destaco alguns pontos positivos e os grandes desafios que o CEMEI terá que enfrentar para de forma concreta e continua, ocorra diariamente a educação antirracista, com todos que façam parte ou frequente a Instituição.

Quadro de pontos positivos e negativos

POSITIVOS	DESAFIOS
Possui uma Afroteca - uma Tecnologia Educacional Antirracista.	Cuidar, organizar, zelar, utilizar e manter afroteca, assim como todo o seu acervo de materiais e mobiliários.
Coordenação esforçada em desenvolver a Educação Antirracista	Promover reuniões, encontros, roda de conversa, seminários e cursos com os professores para compreenderem a Tecnologia Antirracista que possui para desenvolver e colocar em prática a Lei 10.639/03.
Pedagoga insistente para que as professoras utilizem a Tecnologia Antirracista que esta dentro do CEMEI, como esta no Cronograma de visitas na sala da afroteca Sankofa.	Compreensão de que as professoras são responsáveis pela formação humana e intelectual das crianças, por isso trabalhar com a diversidade etnico-racial se faz tão necessária.
CEMEI conta com 02 (dois) integrantes do Grupo AFROLIQ e Projeto Kiriku	Que a sala da afroteca não vire um depósito de material
Tem material pedagógico para se trabalhar a Educação Antirracista	Que a Educação Antirracista não seja colocada para escanteio em detrimento de outros projetos que julgam ser prioritários e que dão compensação em prêmios
Contam com o apoio do Grupo AFROLIQ e Projeto Kiriku	Que as professoras iniciem suas atividades de Educação Antirracista em sala de aula, com rodas de conversas, para identificar que temáticas devem abordar e trabalhar com suas crianças.

Tem Formação Continuada oferecida pelo Grupo AFROLIQ e Projeto Kiriku	Que a escuta seja um exercício diário com as crianças, deixe elas se expressarem suas opiniões, visões, curiosidades e dúvidas, nessas horas teremos temas para os planos de atividades na afroteca Sankofa. Assim como as crianças que são curiosas, que indagam e procuram respostas, que as professoras tomem para si este movimento das crianças e comecem a estudar, pesquisar e iniciar a utilizar a afroteca como um lugar que terá como sua parceira para implementar a Educação Antirracista com as crianças, da forma de aprendizagem que elas amam, ludica e visual.
Materiais do acervo das afroteras são lúdicos, bonitos e dinâmicos, que as crianças amam só de olhar.	Demonstrar que no CEMEI tem uma afroteca, pois ele fica localizada no final do prédio em frente a cozinha e refeitório e não tem nada na entrada que indique ou faça menção a existência da afroteca, precisa ser divulgada, destacada e apresentada a todos que frequentam ou passam em frente a Instituição.
O CEMEI possui uma Tecnologia Educacional Antirracista e precisa ter consciência de como isso é benéfico para todos da Instituição e principalmente para as crianças.	O CEMEI não pode dá visibilidade a Projetos que lhe dão premiação, todos os projetos tem seu valor e importância, professores precisam ter a consciência que a educação antirracista é imprescindível na formação das crianças, pois vivemos num país com uma enorme diversidade etno-racial.
Agora o CEMEI já conta com 03 (três) professoras concursadas, antes eram somente 01(uma).	Realizar uma nova Formação Continuada para as professoras concursadas que entraram no CEMEI recentemente.

Fonte: Autor (2024)

Com este cenário, todos do CEMEI tem que buscar formas de transformar este cotidiano da instituição, com novas atividades e mudanças de procedimentos por parte dos professores e todos que fazem parte da Instituição, para que de fato a Educação Antirracista seja de fato implementada, que faça parte do cotidiano escolar para o desenvolvimento pleno das crianças, principalmente das crianças negras e indígenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Vandressa Silva; MASCARENHAS, Lucirio Soares; ASSUNÇÃO, Fabian Henrique Pimentel. Percepção dos moradores do bairro Santo André em relação ao desperdício de água. In: CONGRESSO DE MEIO AMBIENTE, 15., 2018, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: [s.n.], 2018. Disponível em: <https://meioambientepocos.com.br/Anais2018/Sa%C3%BAdade,%20Seguran%C3%A7a%20e%20Meio%20Ambiente/268.%20A%20PERCEP%C3%87%C3%83O%20DO%20MORADORES%20DO%20BAIRRO%20SANTO%20ANDR%C3%89%20EM%20RELA%C3%87%C3%83O%20AO%20DESPERD%C3%8DCIO%20DE%20%C3%81GUA.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2024.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 19 jun. 2024.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Ministério da Educação, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana>. Acesso em: 19 jun. 2024.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Art. 3º e Art. 5º da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 19 jun. 2024.

BRASIL. **Estatuto da Igualdade Racial**. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 21 jul. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso em: 19 jun. 2024.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 19 jun. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 19 jun. 2024.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 19 jun. 2024.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Editora Contexto, 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

CEMEI ANTÔNIA CORRÊA E SOUSA. **Projeto político-pedagógico: 2021-2025**.

FRANÇA, Luiz Fernando de *et al.* Por uma educação infantil antirracista e afrocentrada: o Projeto Kiriku, as relações raciais nos CEMEIs e o processo de construção das Afrotecas em Santarém-Pará. In: PRESTES, Clélia; FARIAS, Marcio; AMARAL, Marcos (orgs.). **Primeira infância e relações étnico-raciais**. São Paulo: Editora Dandara; Instituto AMMA Psique e Negritude, 2024.

GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de (orgs.). **Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa**. Petrópolis: Vozes, 2023.

MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, p. 367-385, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/6kxbrTgBwDptJJz9t9RCjRB/?format=pdf>. Acesso em: 19 jun. 2024.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

IBGE. **Censo Demográfico 2010: características da população e dos domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

REIS, Edelfrancla Gomes; BISPO, Matheus Luamm Santos Formiga; CRUZ, Tatiana Pinheiro da. Reflexões sob a perspectiva dos teóricos Piaget, Vygotsky e Steiner: uma análise sobre métodos e práticas de ensino. **Revista Devir Educação**, Lavras, v. 7, n. 1, e-672, 2023. ISSN: 2526-849X.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão**. Ribeirão Preto, SP: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2012.

SILVA, José Ricardo; SOUSA, Fabiana Lohani de. **Aspectos históricos da educação infantil no Brasil**. *Colloquium Humanarum*, Presidente Prudente, SP: Universidade Estadual Paulista – UNESP, Faculdade de Ciências e Tecnologias, v. 14, n. Especial, jul.–dez. 2017, p. 188-194.

APÊNDICES

Figura 40: Formação Continuada



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 41: Oficina ABAYOMI



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 42: Oficina ABAYOMI



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 43: Visita da turma de Berçário - professora Zely Fátima



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 44: Crianças explorando as literaturas



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 45: Acolhimento na sala da Afroteca Sankofa



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 46: Visita das turmas de Berçário e Maternal na Afroteca Willivane Melo



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 47: Visita ao CEMEI Indígena Professora Marilda Vasconcelos



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 48: Aniversário do CEMEI Antônia Corrêa e Sousa



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 49: Criança com boneca da Afroteca



Fonte: Acervo Pessoal do autor

Figura 50: Card de primeiro aniversário da afroteca Sankofa



Fonte: Acervo Pessoal



AFROTECA SANKOFA

Construindo Saberes e Histórias na
Primeira Infância

APRESENTAÇÃO

O CEMEI Antônio Corrêa e Sousa desde sua fundação em 2018 desenvolve suas atividades priorizando sempre a importância da cultura negra na primeira infância, enfatizando a consciência crítica com atitudes positivas de respeito e valorização ao povo negro de acordo com a Lei nº 10.639/03.

No dia 25 de novembro de 2022 é inaugurada a Afroteca no CEMEI, a AFROTECA SANKOFA (re) significa o símbolo adinkra Sankofa que potencializa o movimento de voltar ao passado e buscar os ensinamentos, valores, experiências, conhecimentos dos povos africanos com o propósito de semear o presente para florescer no futuro.

AFROTECAS entendidas como espaços para acolher, ler, cuidar, brincar e educar em uma perspectiva antirracista e afrocentrada, são parte e resultado de um trabalho de pesquisa desenvolvido pelo PROJETO KIRIKU: educação para as relações raciais e literatura infantil antirracista nos CEMEI's de Santarém, sob a coordenação do Prof. Dr. Luiz Fernando de França.

A Afroteca SANKOFA é um espaço de aprendizagem da cultura antirracista e estar disponível para as práticas pedagógicas das professoras do CEMEI, e de demais escolas e unidades visitantes, desde que esteja inserido no plano de atividades, assim como e as famílias

Afrotecando



Programação

Início: 9:30h

Recepção: Crianças do Berçário

Boas vindas – Saudação Africana (Professoras Beatriz & Cleudete) *Funga - Alafá*

Saudação aos ilustres convidados (citar nomes dos presentes)

Apresentação: Coordenadora Interina – Ivaniida Cardoso - *Cleudete*

Retrospectiva do 1º ano da Afroteca – Ranney Colares – apresentação Mascote

Contribuição – Prof. Dr. Luiz Fernando - *Cleudete*

Fala da Sra. Daniela Mãe das crianças Thayla Maiseis (MIA) e Agatha Vitória – Representaram a Princesa Bucala e Amora no desfile

1ª apresentação: Crianças do turno matutino – *Alafá*

Música: BLACK (preta) – *Profª Débora*

Contribuição: Coordenadora do NTEI Professora Aylene Rodrigues

2ª Apresentação: Crianças do Turno Vespertino – Música: Neguinha sim – *Cleudete*

Contribuição – Secretária de Educação – Maria José

3ª apresentação: Cantiga de roda - Professoras do turno Vespertino – *Cleudete*

Contribuição – Coordenadora do CEMEI e convidada – Profa. Geones Marques.

4ª Apresentação: Associação cultural Ubuntus capoeira – *Cleudete*

Convidada especial – (Música)

Encerramento - Lanche especial



AFROLIQ

Espaço de Pesquisa e Formação Infância

Cultura, Identidade, Afrocentricidade e Qualidade




EQUIPE/2023

Coordenadora Geones Marques
 Coordenadora Interina: Ivaniida Cardoso
 Secretária Danielle Gomes
 Pedagoga Jéssica Maria
 Docentes: Maria da Conceição
 Maria Nazeila
 Vilma Oliveira
 Sônia Borges
 Elivane Dias
 Débora Quintino
 Domingus Glauviani
 Charlene Fernandes
 Rosângela Batista
 Zely Fátima
 Beatriz Oliveira

Apoio: Ranney Colares
 Fabiola Barros
 Raimunda Oliveira

Educadoras Almentar: Luciene Lima
 Alceze Souza

Estagiárias: Cezarina, Andrea, Fernanda, Lida e Fabiola

Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 51: Card da lembrancinha, que continha um chaveiro



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 52: Desfile da Semana da Pátria



Fonte: Ranney Colares

Figura 53: Aniversário de Primeiro Ano da Afroteca Sankofa



Fonte: Acervo do Ranney



Fonte: Acervo pessoal do autor

ANEXOS



CEMEI: Centro Municipal de Educação Infantil Antônia Corrêa e Sousa

Coordenadora: Geones Marques

Coordenadora Interina: Ivanilda Mota Cardoso

Pedagoga: Jéssica Maria Miranda

Secretaria: Daniele Gomes

Equipe: Ivanilda, Beatriz, Cleudete e Ranney

AFROTECA SANKOFA

PROJETO DE MAPEAMENTO DAS AÇÕES ANTIRRACISTAS NO CEMEI ANTÔNIA CORRÊA

TEMA: Afroteca Sankofa, racismo aqui não!

Público alvo: Crianças, Famílias e Comunidade Escolar

OBJETIVO:

Possibilitar o reconhecimento das crianças negras na cultura brasileira, a partir da sua própria identidade, conhecendo a história da população negra no Brasil, com isso valorizando a identidade de diferentes povos e, assim, proteger desde cedo as crianças vítimas do racismo.

ESPECÍFICOS:

- Promover a educação antirracista as escolas do bairro através da divulgação da afroteca;
- Estimular os professores das escolas do bairro a visitar/conhecer, pesquisar e desenvolver atividades antirracistas com seus alunos através dos recursos da Afroteca;
- Desenvolver oficinas de bonecas de origem africanas com as mães e comunidade em gera;
- Incentivar a leitura com as literaturas antirracista disponíveis na afroteca às famílias, professores e comunidade.

JUSTIFICATIVA

O CEMEI é uma instituição de grande relevância para comunidade onde está inserido e há cinco anos desenvolve projetos e ações de cidadania sendo referência na Educação Infantil de Santarém. A Instituição carrega uma importante missão de promover ações que contribuam para o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, bem como sua inserção social e formação cidadã através de sua criticidade, criatividade e participação complementando as ações da família e da comunidade. Por ser uma instituição de referência, faz-se necessário a procura de materiais diversificados onde as crianças possam se identificar independente da sua etnia. Diante disso desenvolvemos atividades voltadas para a Educação das Relações Étnico-raciais desde da primeira Infância. Amparado pela Lei 10.639/03 que alterou a Lei 9.394/96 estabelece que as diretrizes e bases da educação nacional, no qual incluiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira, Africana e

Afrodescendente. Também incluído no PPP (Projeto Político Pedagógico) da Instituição de Ensino da Educação Infantil do CEMEI Antônia Corrêa e Sousa, privilegiado pelo AFROLIQ (Grupo de Pesquisa em Literatura, História e Cultura Africana, Afro-brasileira, Afro-Amazônica e Quilombola do ICED/UFOPA), grupo que coordena o Projeto Kiriku (Educação para as relações raciais e literatura infantil antirracista nos CEMEI do município de Santarém-PA), Financiado pelo Instituto AMMA Psique e Negritude, deixando como contrapartida desse estudo de pesquisa a Formação Continuada para os funcionários do CEMEI, resultando como parte do projeto Kiriku a construção de uma Afroteca que dar subsídio com materiais pedagógico antirracista para o corpo docente trabalhar com as crianças metodologias que implementam a prática da lei 10.639/03 na educação escolar do CEMEI.

Afroteca é um espaço educativo para acolher crianças, educar, cuidar, brincar e ler numa perspectiva antirracista e afrocentrada. Em 25 de novembro de 2022, o projeto Kiriku inaugurou no CEMEI Antônia Corrêa e Sousa a Afroteca Sankofa.

Ter acesso a cultura africana e afro-brasileira é um caminho para compreender a miscigenação do país, onde se pretende trabalhar a cultura antirracista desde a primeira infância, o que ajuda a erradicação da discriminação e do preconceito racial que existe e infelizmente prolifera em nosso país, portanto, a Afroteca SANKOFA é um espaço de aprendizagem da cultura antirracista e estará disponível para as práticas pedagógicas das professoras do CEMEI, e de demais escolas e unidades visitantes, desde que esteja inserido no plano de atividades do professor, também não deixar de ser um espaço potente para a educação antirracista das famílias das crianças do CEMEI Antônia Corrêa e Sousa. A Afroteca é de grande relevância para construção da educação antirracista, por isso a importância de estar inserido no currículo das escolas ultrapassando os muros, expandindo seu uso a outras instituições de ensino do bairro, onde mais crianças poderão ter acesso a material pedagógico antirracista disponível na Afroteca Sankofa.

É importante frisar que a curricularização da Afroteca está alinhada a BNCC no que tange os Direitos de aprendizagem e desenvolvimento da criança: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se; Campos de experiência: “O eu, o outro, e o nós”; “Corpo, gestos e movimentos”; “Traços, sons, cores e formas”; “Escuta, fala, pensamento e imaginação”; “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”. Eixo estruturante das práticas pedagógicas: interações e brincadeiras; e Intencionalidade educativa; por tanto, faz-se necessário está contido no planejamento do professor para realizar atividades na Afroteca com as crianças.

METODOLOGIA

As atividades antirracistas deverão constar no planejamento das professoras, que serão trabalhadas com as crianças na Afroteca Sankofa, assim como em sala de aula, e em todo ambiente

escolar, utilizando-se dos materiais pedagógicos antirracistas disponíveis de acordo com cronograma de atividades na Afroteca.

As atividades serão multidisciplinares que poderão ser desenvolvidas com os seguintes materiais: literatura, bonecas(os), jogos, filme kiriku e instrumentos musicais. Também pode se utilizar outros materiais pedagógicos antirracista pesquisados e construídos pelas professoras como músicas, filmes/vídeos infantis, kit de contação de histórias, jogos, brincadeiras, desenhos e figuras da cultura africana e afro-brasileira.

A proposta é fazer atividades que envolva a temática antirracista no decorrer do ano letivo, para socialização em novembro.

Cronograma das atividades desenvolvidas pela professora na afroteca sankofa

Dia da semana	Turmas	Sugestão/Horário	Turma	Sugestão/ Horário
Segunda	PRÉ II A	08 as 09	PRÉ II B	14:30 as 15:30
Terça	MAT II A	08 as 09	MAT I A	14:30 as 15:30
Quarta	BER II A	10 as 11	BER II A	14:30 as 15:30
Quinta	PRÉ I A	10 as 11	MAT II B	14:30 as 15:30
Sexta	MAT I A	08 as 09	PRÉ I B	14:30 as 15:30

CRONOGRAMA

ATIVIDADES/AÇÕES	Período				
	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Atividades antirracistas desenvolvidas pelas professoras com as crianças na Afroteca Sankofa e na sala de aula.					
Apresentação baseada na literatura O CABELO DE LELÊ – participação no Aniversário de 1 ano da Afroteca Willivane Mello/ Projeto Kiriku.					
Socialização do projeto kiriku e roteiro de acolhimento na Afroteca SANKOFA para as professoras – Prof. Beatriz					

Apresentação do Projeto de mapeamento de ações antirracista no CEMEI: Afroteca SANKOFA, racismo aqui não.					
Desfile da semana da Pátria com o subtema “Promovendo cidadania através da literatura antirracista”					
Divulgação da Afroteca Sankofa e projeto Kiriku na Escola Santo André					
Oficina das bonecas ABAYOMI realizada com professores, familiares e comunidade					
Locação e acompanhamento das literaturas infantil aos professores e famílias do CEMEI – Afroteca Sankofa.					
Divulgação da Afroteca Sankofa e Projeto Kiriku na Escola Joaquim Cavalcante Maia					
2º Intercambio da Educação Fiscal – promovendo cidadania na educação antirracista através da musicalização e literatura infantil					
Roda de conversa com gestão e professores(as) na escola Santo André: Projeto Kiriku e Afroteca Sankofa					
Feira Afrocentrada e Antirracista - Programação do aniversário de 1 ano da Afroteca Sankofa					
Formação Continuada para os funcionários: Educar para as					

Relações raciais desde da primeira infância – Projeto KIRIKU					
Roda de conversa com gestão e professores(as) na escola Joaquim Cavalcante Maia: Projeto Kiriku e Afroteca Sankofa					

**CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELAS PROFESSORAS EM
SALA DE AULA E NA AFROTECA**

ATIVIDADE	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Atividades antirracistas desenvolvidas pelas professoras com as crianças na Afroteca Sankofa e na sala de aula.					

RECURSOS

Materiais disponíveis na Afroteca Sankofa e possíveis construção de materiais pedagógicos antirracista.

AVALIAÇÃO

Será avaliado de forma individual as ações das professoras e professores internos e externos atuantes na Afroteca Sankofa e no ambiente escolar, observando o desenvolvimento das atividades com as crianças.

CONTINUIDADE

Projeto permanente do CEMEI Antônia Corrêa e Sousa - Afroteca, (revisar e planejar ao iniciar o ano letivo).

RESULTADOS

Professoras utilizando a Afroteca com as crianças, atividades planejadas;

Acesso das famílias a Afroteca e literaturas infantis antirracista;

Planejamento de atividades interdisciplinar ligando aos projetos existentes no CEMEI;

Divulgação do Projeto Kiriku e da Afroteca Sankofa nas escolas: Santo André e Joaquim Cavalcante Maia;

**Em 2024, formação continuada para professores, pedagoga e coordenadora realizada no dia
30 de Janeiro com carga horária de 4h – Equipe do Projeto KIRIKU**

PROPOSTA: DE ROTEIRO DE ACOLHIMENTO NA AFROTECA

Identificação

Professora:

Turma/ idade/turno:

Temática Geral:

Direitos de aprendizagem e desenvolvimento:

Campos de Experiência:

Objetivos:

Proposta básica de acolhida na Afroteca

Acolhida da turma:

Apresentação da Afroteca:

- Atividade de Leitura/escuta (escola de uma literatura para momento de contação):
- Ampliando a leitura – estabelecer um diálogo entre o livro e outro material didático da afroteca e presente para as crianças (pode ser jogo, brinquedo, instrumento ou música):
- Atividade coletiva orientada (uma brincadeira, por exemplo):
- Interação livre com os materiais da Afroteca:
- Encerramento e organização da Afroteca.

Obs.: Essa proposta é para ajudar no planejamento das atividades que a professora irá desenvolver na Afroteca com as crianças.

Divulgação do Prêmio Educador antirracista 2024

RESUMO E ESCRITA DO ARTIGO (POSSÍVEIS PRÊMIO)

TEMA: Educação Antirracista desde a primeira infância no CEMEI Antônia Corrêa e Sousa – Afroteca Sankofa no Município de Santarém/PA.

Obs.: Não esqueça de registrar suas atividades antirracistas na Afroteca ou sala de aula: podem ser por fotos, registro no caderno da Afroteca (escrita), expor as atividades das crianças no espaço da Afroteca, também pode ser feito Portfolio das atividades antirracistas que desenvolveu no decorrer do ano letivo.

Dúvidas ou empréstimos de livros podem recorrer a Coordenadora Ivanilda, Secretária Daniele, Pedagoga Jessica, Ranney e Professora da Afroteca Beatriz, Pesquisadora e voluntária do projeto Kiriku Cleudete ou bolsista Andressa.

ANEXOS

CEMEI ANTÔNIA CORRÊA E SOUSA
CRONOGRAMA DA AFROTECA 2024

Início: a partir do dia 19 de fevereiro

AFROTECA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM: o que podemos aprender na Afroteca?

Existimos para promover uma educação transformadora, tendo a equidade e a inclusão como estratégias para reduzir as desigualdades sociais. Nosso trabalho educativo vai além das crianças que atendemos. Ele se estende às famílias, comunidades, a nossa equipe e as instituições existentes no bairro. Queremos viver, no dia a dia, o que ensinamos: Reconhecer a diversidade presente em sala de aula e a importância da convivência pacífica frente às diferenças, visando a construção de uma postura de tolerância e respeito ao outro; Compreender a formação da sociedade brasileira a partir da miscigenação de diferentes povos; Reconhecer as diferenças físicas e culturais entre os colegas como resultado de uma sociedade multicultural; Promover o autoconhecimento e valorização das crianças; Contribuir para as formações de futuros cidadãos sensíveis ao racismo, capazes de defender e garantir direitos de igualdade racial. Lei 10639/03 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática: Ensinar História e Cultura Afro-brasileiras e africanas não é mais uma questão de vontade pessoal e de interesse particular. É uma questão curricular de caráter obrigatório que envolve as diferentes comunidades: Escola, familiar e sociedade.

Turmas - MANHÃ	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
BERÇÁRIO II		X			
MATERNAL I A			X		
MATERNAL II A	X				
PRÉ I A				X	
PRÉ II A					X
Turmas: TARDE	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
BERÇÁRIO II			X		
MATERNAL I A		X			
MATERNAL II B	X				
PRÉ I B					X
PRÉ II B				X	

Obs: Essa atividade precisar estar no seu plano de aula

REGISTROS FOTOGRÁFICOS

FORMAÇÕES



APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO COM PAIS E SERVIDORES

INFORMAÇÕES AOS PAIS SOBRE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA



SESSÃO DE CINEMA: FILME KIRIKU E A FEITICEIRA



BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS AFRO – MATERIAL RECICLADO



RECURSO CONFECCIONADO COM GARRAFA PET – BONECA PRETA



INAUGURAÇÃO DA AFROTECA SANKOFA DO CEMEI ANTÔNIA CORRÊA E SOUSA EM 2022



PROFESSORA, MÃE E ALUNO DO CEMEI – INAUGURAÇÃO



DEPOIMENTO DA MÃE SR. JAENE



REPRESENTANTES DA NEGRITUDE, FAMÍLIAS, EQUIPE DO PROJETO KIRIKU E COMUNIDADE – INAUGURAÇÃO



APRESENTAÇÃO CULTURAL DAS CRIANÇAS



PERSONAGENS DOS LIVROS: BUCALA E PRINCEPE PRETO



REGISTROS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS COM AS CRIANÇAS DENTRO E FORA DA AFROTECA

LITERATURA ANTIRRACISTA – DIA DO LIVRO



RODA DE CONVERSA SOBRE O LIVRO SULWE – TURMA PRÉ II



CONHECENDO O SIGNIFICADO DO PÁSSARO SANKOFA



OFICINA PARA PAIS, PROFESSORES E COMUNIDADE EM GERAL – BONECA ABAYOMI

CEMEI Antônia Corrêa e Sousa
Estamos iniciando os preparativos em
comemoração ao primeiro aniversário da nossa
AFROTECA SANKOFA

E como parte da programação
 no dia 14.11.2023 às 14h
 ofertaremos uma oficina para confecção
 das bonecas ABAYOMI

Inscrição na secretaria do CEMEI
 Valor simbólico de R\$ 5,00
 Local: AFROTECA do CEMEI
 Profs. Beatriz e Cleudete

DIVULGAÇÃO DA AFROTEVA NA ESCOLA JOAQUIM CAVALCANTE MAIA



DIVULGAÇÃO DA AFROTEVA NA ESCOLA SANTO ANDRÉ



DESFILE DA SEMANA DA PÁTRIA



ATIVIDADES NA AFROTECA E FORA DELA
AFROTECA COM AS PROFESSORAS



ATIVIDADES COM AS CRIANÇAS



aniversário de 1
aninho
Afroteca Wilivane
Mello

**CEMEI Antônia
Corrêa**



ANIVERSÁRIO DE 01 ANO DA AFROTECA SANKOFA – SIGNIFICADO DO NOME SANKOFA – DEPOIMENTO DA MÃE



2024: RODA DE CONVERSA COM OS SERVIDORES – ROTEIRO DA AFROTECA E ATIVIDADES NA AFROTECA

